



M. E. C.

PROGRAMA DE EMERGENCIA

LINGUAGEM  
NA  
ESCOLA  
PRIMÁRIA

L  
LI  
LIN  
LING  
LINGU  
LINGUA  
LINGUAG  
LANGUAGE  
LINGUAGEM

BIBLIOTECA DA PROFESSORA BRASILEIRA



LINGUAGEM  
NA  
ESCOLA PRIMÁRIA

JOÃO BELCHIOR MARQUES GOULART  
Presidente da República

HERMES LIMA  
Presidente do Conselho de Ministros

DARCY RIBEIRO  
Ministro da Educação e Cultura



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA  
PROGRAMA DE EMERGÊNCIA

Edição promovida pelo  
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA,  
com recursos do seu Programa de Emergência,  
para distribuição gratuita às professoras bra-  
sileiras.

BIBLIOTECA DA PROFESSORA BRASILEIRA

# LINGUAGEM NA ESCOLA PRIMÁRIA



1962

PROGRAMA DE EMERGÊNCIA  
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA

## ÍNDICE

BIBLIOTECA DA PROFESSORA BRASILEIRA . . . .	9
A LINGUAGEM NA ESCOLA PRIMÁRIA . . . .	10
APRESENTAÇÃO . . . . .	11
NOTA À TERCEIRA EDIÇÃO . . . . .	15
INTRODUÇÃO . . . . .	19
DISTRIBUIÇÃO DA MATÉRIA . . . . .	27

### PRIMEIRA SEÇÃO

#### LEITURA

Objetivos . . . . .	29
Análise dos objetivos . . . . .	29
Leitura silenciosa . . . . .	31
Leitura oral . . . . .	32
Primeiro ano . . . . .	34
Segundo ano . . . . .	49
Terceiro ano . . . . .	57
Quarto e quinto anos . . . . .	60

### SEGUNDA SEÇÃO

#### LITERATURA

Objetivos . . . . .	65
Análise dos objetivos . . . . .	65
Prática do ensino (de 1.º a 5.º anos) . . . .	66
Mínimo que se deve alcançar . . . . .	71

### TERCEIRA SEÇÃO

#### ESCRITA E CALIGRAFIA

Objetivos . . . . .	73
Análise dos objetivos . . . . .	73
Prática do ensino (de 1.º a 5.º anos) . . . .	75
Mínimo que se deve alcançar . . . . .	77

## BIBLIOTECA DA PROFESSORA BRASILEIRA

### QUARTA SEÇÃO COMPOSIÇÃO

Objetivos .....	79
Análise dos objetivos .....	80
Prática do ensino .....	82
Primeiro ano .....	83
Segundo ano .....	86
Terceiro ano .....	89
Quarto ano .....	92
Quinto ano .....	95

### QUINTA SEÇÃO GRAMÁTICA

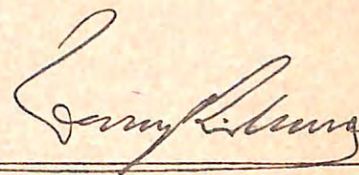
Objetivos .....	99
Análise dos objetivos .....	99
Prática do ensino .....	100
Mínimo que se deve alcançar .....	109

### SEXTA SEÇÃO BIBLIOTECAS

Considerações gerais .....	111
Biblioteca da escola .....	112
Biblioteca da classe .....	116
Biblioteca do aluno .....	117
Escolha dos livros .....	117
BIBLIOGRAFIA .....	119

Uma das medidas mais importantes do Programa de Emergência é aquela que tem em vista atender à professora brasileira muito poucas vezes ajudada no sentido de melhor cumprir sua missão. Segundo nossos cálculos, cerca de 2 milhões de crianças estão sendo educadas neste momento, no Brasil, por professoras que não têm sequer a 4.<sup>a</sup> série primária. Aquelas que, mais felizes, conseguiram completar cursos normais, ressentem-se igualmente de deficiências na sua formação profissional, de falta de amparo e estímulo ou de meios e materiais necessários à boa execução de sua nobre tarefa educacional. Essa é uma situação extremamente grave e que perdura há longos anos. Para fazer face a ela, Anísio Teixeira, à frente de um grupo de educadores, já tentava, em 1934, no Rio de Janeiro, realizar uma reforma do ensino, cuja pedra angular era o aperfeiçoamento técnico e profissional do magistério primário e o preparo de professoras do mais alto nível. A iniciativa mais importante então tomada por Mestre Anísio foi a elaboração e edição de uma coleção de guias de orientação didática, posteriormente revistos e reeditados sempre sob sua direção. Esta coleção é que hoje tomamos para editar como **BIBLIOTECA DA PROFESSORA BRASILEIRA**, em tiragem que permite colocar nas mãos de cada professora do Brasil tão poderoso instrumento de trabalho. A B. P. B., que esperamos se amplie e enriqueça no futuro, compõe-se inicialmente das seguintes obras: **ATLAS HISTÓRICO E GEOGRÁFICO BRASILEIRO — DICIONÁRIO ESCOLAR DO PROFESSOR**, edições da Campanha Nacional do Material de Ensino e 6 guias para o ensino de **LINGUAGEM — MATEMÁTICA — ESTUDOS SOCIAIS — CIÊNCIAS — JOGOS e MÚSICA** na escola primária.

Ao fazer esta doação às professoras de todo o Brasil, o Ministério da Educação e Cultura cumpre o seu dever básico de auxiliá-las no desempenho de sua alta função de formar os cidadãos brasileiros.



DARCY RIBEIRO  
Ministro da Educação e Cultura

## A LINGUAGEM NA ESCOLA PRIMÁRIA

(Apresentação da edição de 1955)

COM a necessária autorização da Prefeitura do Distrito Federal, tomou o Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (I.N.E.P.) a iniciativa de reeditar os pequenos manuais publicados entre 1934 e 1936, e ora esgotados, destinados ao magistério primário do Distrito Federal, com o objetivo de orientar o ensino das matérias de ensino elementar, figurando como primeiro, na lista, o presente volume que se refere ao programa de linguagem.

Como, na época, representavam uma primeira tentativa de orientação do ensino, mais que de receitas a serem seguidas à risca, procurando dar um sentido instrumental ou funcional às matérias escolares, constituem, sem dúvida, documento de real valor para a reconstrução da educação brasileira, merecendo, só por isso, serem reeditados.

Acresce ainda que, nos dias atuais, as administrações da educação nos Estados e o magistério primário, em geral, do Brasil, têm solicitado ao I.N.E.P. que lhes forneça meios para uma reorientação do ensino primário, visando a uma melhoria qualitativa do mesmo. Será esta, pois, uma oportunidade de oferecer a todo o país, à guisa de exemplo a ser discutido e, então, ensaiado praticamente, o que o Distrito Federal iniciara naquela época. Seria como que a retomada de uma experiência a ser realizada gradualmente, até que se consiga dar à escola primária os meios eficientes que lhe permitirão atingir seus mais legítimos fins.

## APRESENTAÇÃO

(Da edição preliminar)

ESTA é a primeira monografia da série de PROGRAMAS ESCOLARES, cuja publicação o Departamento de Educação do Distrito Federal inicia, por intermédio do seu departamento especializado, a SEÇÃO DE PROGRAMAS ESCOLARES.

Dedica-se à LINGUAGEM e a sua confecção obedeceu, tanto quanto foi permitido, dentro das condições especiais do sistema escolar do Rio de Janeiro, aos princípios gerais modernos que regem a matéria.

Não nos parece lícito reincidir, ao menos de boa fé, na afirmação de que se pode prescindir *in totum* de qualquer plano antecipado, de *qualquer programa preestabelecido para a realização integral da Escola Nova*.

A prática da Escola Nova, numa impressionante convergência de opinião, vem confirmando a necessidade de estabelecer, no caso, uma distinção importante.

Com efeito. O programa escolar encerra as atividades diárias em que se empenham os alunos, indica os objetivos fundamentais ou específicos desse curso de atividades e os resultados a serem obtidos através delas.

Torna-se evidente, portanto, que se aquela primeira parte — a que representa “as situações

da vida diária e os interesses de que nascem as necessidades particulares imediatas dos alunos" — deve ser moldada, dia a dia, as demais, porém, não somente podem ser, mas, sobretudo, devem ser planejadas com antecedência, porque definem o próprio sentido em que se vai desenvolver a ação.

Dêsse modo, o programa organizado com antecipação deve incluir, necessariamente:

- 1) *Os objetivos do ensino.*
- 2) *Uma série de experiências ou atividades que, pela demonstração prática, sejam capazes de conduzir à conquista daqueles objetivos.*
- 3) *Todo o conteúdo de matéria de ensino necessário à realização daquelas experiências.*
- 4) *Indicação dos resultados que se devem obter.*

O presente trabalho é, na medida do que entre nós foi possível realizar, um ensaio dessa orientação. Já não se enquadra no tipo habitual do programa escolar brasileiro com as suas intermináveis listas de *pontos*. Deu um passo à frente. E sobre o ensino de linguagem na escola primária, o que se elaborou foi uma verdadeira monografia onde estão estudados a teoria dêsse ensino, os seus objetivos, os assuntos que podem constituir as experiências quotidianas do aluno, numerosas ilustrações de "unidades" do processo de ensino, os resultados a conseguir e os meios de os verificar.

A sua elaboração foi confiada à Professora Maria dos Reis Campos, autoridade reconhecida nos meios do professorado do Rio de Janeiro e

que está imprimindo ao trabalho de programas escolares, com a cooperação de suas dignas auxiliares, o feito de pesquisas e investigação que o caracteriza nos centros mais avançados de cultura.

Os atuais programas são, assim, planos desenvolvidos e amplos para serem experimentados nas escolas, devendo constituir objeto de contínua revisão, a fim de ali atuarem como uma força viva de renovação e progresso e não como rígidas imposições intangíveis à liberdade de iniciativa e de modificação.

Na grande tarefa de renovação escolar em que se acha empenhado todo o magistério carioca, o programa que agora se publica assinala um lugar intermediário, onde os mais avançados, bem como os mais apegados ao tradicionalismo pedagógico, encontrarão, uns e outros, um corpo de doutrina e de matéria que lhes facilitará o exame da posição em que se encontram e, conseqüentemente, lhes oferecerá sugestões para progredir, alterar e harmonizar os próprios processos, e para orientar, de modo geral, toda a sua atividade pedagógica no campo do ensino de linguagem.

A próxima monografia a se publicar tratará do ensino da matemática na escola elementar.

Essas monografias sobre programas deverão ser reeditadas de dois em dois anos, com as modificações, alterações e revisões que se tornem necessárias, para o que o Departamento de Educação confia na colaboração de todo o professorado municipal, certo como está de que o programa escolar é uma obra de cooperação entre os técnicos especializados no estudo da criança e da sociedade e os professores que o aplicam e executam.

ANISIO S. TEIXEIRA  
DIRETOR GERAL.



## NOTA À 3.<sup>a</sup> EDIÇÃO

Esta 3.<sup>a</sup> edição conserva a forma da primeira, em vez de apresentar a matéria distribuída em projetos, como foi feito no programa de Ciências Sociais. Tal diversidade de organização é justificada pela própria natureza dos dois programas em aprêço.

No de Ciências Sociais a matéria é constituída por uma série de elementos independentes e reunidos por suas afinidades naturais em grupos ou subgrupos que constituem naturalmente o assunto de projetos ou subprojetos. Esse programa é, essencialmente, um programa de conhecimentos que se devem adquirir, tendo embora uma parte notável de aquisição de hábitos e disposição de espírito.

No programa de Linguagem é outra a estrutura e são outras as finalidades. Não se trata, aqui, de assuntos destacados, mas de uma matéria única, que é a língua portuguesa, e onde se trata não de adquirir conhecimentos mas de ganhar a técnica de manejá-la como instrumento que é, como aparelho com que se tem de trabalhar em seu conjunto e não por partes destacadas.

Acresce ainda a circunstância de que, se fôssem organizados projetos especiais no programa de cada matéria de ensino, não seria possível aos alunos de uma classe realizar tantos projetos ao mesmo tempo, nem seria encontrada, no decorrer da vida escolar, motivação que os justificasse. É, entretanto, indispensável que, nos projetos do programa de Ciências Sociais, por exemplo, sejam utilizados os conhecimentos de Linguagem e de Cálculo, matérias essas que, como instrumentos que são para a vida, servirão, igualmente de *instrumentos* para a realização do projeto que se tiver em vista.

Assim, por exemplo, se se trata de realizar o projeto — Vestuário de um recém-nascido, o orçamento e a compra de fazendas de que aí se fala podem ser motivo

para o estudo de um, alguns ou mesmo todos os assuntos do programa de aritmética (numeração: contar e ordenar, leitura e escrita de números; adição e subtração, fração; moedas — Programa de Matemática). Tais assuntos, naturalmente, o professor escolherá e graduará conforme os interesses, necessidades e possibilidades dos alunos, de maneira que resolvam satisfatoriamente as situações que se apresentem no decorrer do projeto e que dependem, justamente, do cálculo, para sua solução.

Dêse modo haverá íntima ligação entre os dois programas, a matéria constituirá verdadeiramente um todo e as crianças, vendo no cálculo o meio, o instrumento para atingir as realizações projetadas, compreenderão seu valor e dedicar-se-ão, interessadamente, a seu estudo.

Relativamente ao programa de Linguagem o mesmo pode acontecer. Os nomes de fazendas e peças de vestuário, os diálogos entre comprador e vendedor, o nome da criança para quem se faz o enxoval, os conselhos a respeito da maneira de tratá-la — tudo isso pode servir de motivação para a aprendizagem da leitura e da escrita, de que se ocupa o programa de Linguagem.

Ficarão, assim, os programas articulados e o ensino perfeitamente globalizado e orientado pelo que deve constituir suas diretrizes por excelência: o interesse e a oportunidade.

• • •

A primeira edição deste Programa foi organizada pelo antigo — Serviço de Programas Escolares — sob a chefia da Professora Maria dos Reis Campos e com a colaboração das Professoras Atalá Aguirre Blackman, Augusta Queiroz de Carvalho Oliveira, Consuelo Pinheiro, Mariana de Menezes Padua e Sebastiana Henriqueta de Figueiredo, membros do Serviço.

Esse trabalho de revisão recebeu, por meio de crítica e sugestões ou indicações bibliográficas, a valiosa colaboração dos Srs. Professores Lourenço Filho, Arlindo Sodoma da Fonseca, Maria Amelia de Azevedo Daltro Santos, Elvira Nizynska da Silva e Julieta Arruda. A propósito da expressão — pedir para — mencionada na parte de Gramática entre os erros frequentes que convirá corrigir, foram consultados alguns dos nossos mais notáveis professores de Português, tendo apresentado sua esclarecida

opinião a respeito os Srs. Antenor Nascentes, Clovis Monteiro, Daltro Santos, Julio Nogueira e Quintino do Valle.

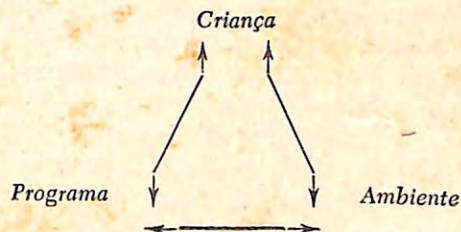
A todos êsses Srs. Professores cumpre aqui consignar um voto de agradecimento pela boa vontade com que se prestaram a concorrer para o aperfeiçoamento progressivo dos programas escolares e para que a êstes fique assegurado o seu verdadeiro sentido, de colaboração entre os conhecedores do assunto.

## INTRODUÇÃO

Um conjunto de programas escolares, para satisfazer cabalmente a suas finalidades orientadoras do ensino, tem de apresentar dupla articulação: com o meio ambiente, a serviço de cujas necessidades se há de colocar, e com a criança, a que se deve subordinar e, pois, a escola onde vai atuar.

Organizado, porém, o programa, e bem realizado ele concorrerá para o aperfeiçoamento do meio, porquanto, pô-lo a serviço do ambiente deve representar sempre o propósito de fazer com que este se modifique, evoluindo no sentido de condições ideais.

Por sua vez o ambiente influi na escola, através do programa, de modo que êsses três elementos — criança, ambiente e programa — apresentam nítidos fenômenos de ação e reação e, pois, reciprocidade de influências.



### Conceito da escola

Estas considerações estão a mostrar que, para organizar programas escolares, devemos, antes de mais nada, conhecer

o ambiente e ver que papel a escola deverá nêle representar, para aperfeiçoá-lo.

Ora, a escola, no conceito moderno, não é mais um estabelecimento "de ensino", senão uma instituição completa, perfeitamente articulada à vida, um centro educativo ligado a todos os interesses sociais. Sua função precípua é fazer o aluno viver da melhor maneira o presente e levá-lo a poder viver, da melhor maneira, o futuro.

Isso corresponde a dizer que a escola não se pode limitar a fornecer certos conhecimentos teóricos ao aluno, como base para aquisição de conhecimentos de grau mais elevado. Ela terá de lhe ensinar, principalmente, coisas úteis ao momento presente e às situações próximas do futuro e terá, principalmente, de lhe formar uma mentalidade com sentimentos firmes e elevados e hábitos úteis e práticos — sentimentos e hábitos orientados sempre no sentido de fortificar o indivíduo em benefício próprio e no da coletividade.

A escola terá, pois, de:

- a) aparelhar o indivíduo com certo grupo de conhecimentos ou de técnicas indispensáveis à vida;
- b) dotá-lo de hábitos de higiene, de economia, etc.; de hábitos sociais de trabalho em cooperação; de hábitos mentais de energia, de persistência, etc.; de hábitos intelectuais de leitura e de estudo; de atitudes de conveniência social;
- c) comunicar-lhe o desejo de progredir e dar-lhe meios de se aperfeiçoar moral e intelectualmente, tornando mais eficiente seu trabalho;
- d) habilitá-lo a participar, de modo cada vez mais consciente e proveitoso, do govêrno da comunidade local, do Estado e do país.

A escola, dentro dessas finalidades, tomará a criança como a encontra e procurará fazê-la viver, da melhor maneira, sua vida atual, satisfazendo, do modo melhor, suas

necessidades de criança; ao mesmo tempo a levará, por etapas sucessivas e bem graduadas, para a vida ulterior, de modo que o futuro decorra naturalmente do presente, sem que êste seja sacrificado pelas preocupações absorventes com aquêle.

Mas se queremos a escola perfeitamente integrada na vida, é evidente que ela não pode existir divorciada das necessidades, das solicitações locais do meio em que deve funcionar. Organizada dentro de um quadro geral de princípios, ela deve adaptar-se ao ambiente particular em que tem de desenvolver sua ação educativa, atendendo a particularidades regionais. De tal sorte, o conhecimento do ambiente virá indicar a forma particularizada que se deve dar, não só aos programas, mas ao método e, de modo geral, a tôdas as organizações escolares.

## Ambiente

Encontramos no Distrito Federal uma população escolar em que têm influência a localização, o grau de educação da família, a profissão paterna e, essencialmente, as condições econômicas que, em última análise, determinam os demais fatores citados; o conjunto dessas circunstâncias faz com que, de modo geral, a civilização se vá esbatendo, em gradações sucessivas, da zona urbana para a rural.

Alterando as linhas gerais dêsse perfil há, entretanto, no próprio centro urbano, zonas que representam vales ou baixadas, embora com freqüência sejam topograficamente as mais elevadas, — como os morros, a cuja falta de conforto se acolhe a população pobre, que não se pode manter em locais mais acessíveis e de vida mais cara. Por outro lado, o afastamento da parte urbana, que corresponde de modo geral ao enfraquecimento da civilização, perde esporadicamente êsse aspecto característico, por isso que de espaço a espaço se encontram centros mais civilizados, em regra geral

correspondentes às antigas povoações outrora isoladas e que, a crescer em tôdas as direções, terminaram por anastomosar-se, mais ou menos profundamente, tendendo a substituir, cada vez mais, o caráter rural primitivo da região, pelo urbano.

A conseqüência dessa formação demográfica é termos população relativamente abastada na suburbana e, muito menos ainda, na zona chamada rural. Em cada uma delas, entretanto, no meio do plano assim de modo geral figurado, há de quando em quando oscilações que levam sub-zonas urbanas a descer ao nível geral suburbano e até mesmo rural, sub-zonas suburbanas que se elevam ao nível urbano, enquanto outras descem ao rural e, finalmente, sub-zonas rurais que se elevam ao nível suburbano, chegando talvez mesmo a ultrapassá-lo sob certos aspectos. Mas nem essas sub-zonas são perfeitamente delimitadas: há entre elas tal interpenetração de elementos que, embora com predominância dêstes ou daqueles neste ou naquele ponto, vamos encontrar as diversidades apontadas dentro até de uma mesma classe.

Conforme o nível econômico variam as necessidades dos alunos, os quais podem destinar-se às mais altas profissões científicas ou às mais modestas atividades sociais, através de variadíssima escala. E isso de tal maneira que, enquanto certo número de alunos faz o curso completo primário, que para eles não é senão o início do tirocínio que terminará com a conclusão do curso universitário, outros vão deixando a escola no 4.º ou no 3.º e até no 2.º e no 1.º ano, premidos essencialmente pelas condições econômicas dos pais e, muitas vezes, pela falta de compreensão dêstes, seja dos benefícios proporcionados por mais longa permanência na escola, seja dos deveres de sua função em relação aos filhos.

O fator econômico produz ainda diferenciação considerável entre os diversos alunos pelas condições de higiene, regime de alimentação, provimento de material escolar, comodidade para o estudo em casa, obrigação ou não de executar trabalhos perturbadores do repouso, do estudo, da assistência regular às classes. As condições sociais da família, seu grau

de cultura e de intelectualidade agem também, poderosamente, na formação mental da criança e, de modo geral, em sua maneira de agir e reagir como aluno. E a tôdas essas circunstâncias se junta o grau de inteligência natural e, pois, de apreensibilidade e adaptação, variável em extremo e expresso pelo Q. I. de cada elemento discente.

De modo que, atendendo a êste conjunto de fatores, muitos dos quais devemos e poderemos substituir, alterar ou atenuar, com esforço e tempo, mas que na atualidade existem e agem com intensidade — chegamos à conclusão de que:

- a) o ambiente determina para a escola uma diversidade considerável de elementos discentes, que não podem reagir do mesmo modo às exigências de um programa escolar;
- b) o ambiente, por isso, mesmo que formado de elementos heterogêneos — em condições sociais, em intelectualidade, em finalidade de vida, etc., — apresenta diversidade de solicitações, que não podem ser atendidas pela rigidez de um programa perfeitamente uniforme;
- c) os diversos elementos sociais formadores do ambiente não se estratificaram e diferenciaram, localizando-se conforme semelhanças e afinidades e, sim, estão mais ou menos misturados e confundidos em todo o Distrito Federal.

## Programas

O ligeiro estudo aqui feito sob a rubrica — Conceito da escola — nos leva à organização de um programa em que se procurem atingir todos os objetivos assinalados, os quais, de modo geral, representam as aspirações das sociedades modernas, sob o ponto de vista educativo.

Procuraremos ter, assim, um programa em que se dê todo o aprêço à coordenação entre a vida e as matérias

escolares, em que estas se associem por suas afinidades de modo que se estabeleça no ensino não a ordem lógica e sim a psicológica, em que se forme íntima relação entre a vida na escola e a de fora da escola e em que se comuniquem aos alunos espírito e hábitos de cooperação, abrindo-se-lhes assim oportunidades para o desenvolvimento das qualidades requeridas aos elementos úteis da comunidade social.

Por outro lado os conceitos de que o ensino primário de 5 anos é indispensável a todos os elementos da comunidade e de que a escola primária democraticamente organizada deve ser uma só, a fim de reunir e amalgamar os diversos elementos sociais, conduzem-nos ainda à organização de um só programa, dentro das finalidades já apresentadas.

O estudo do ambiente nos leva a outra espécie de considerações.

O fato de alunos, por dificuldades econômicas, não chegarem a concluir o curso primário, não é motivo para que se pense em criar diferenciações em extensão no programa escolar, senão em combater por todos os meios esse mal, protegendo o aluno pobre, o que, no Distrito Federal, representa um desideratum alcançável, e dependente, em essência, de organização.

Não constitui a população do Distrito Federal, de modo genérico, grupos perfeitamente diversificados e característicos, com necessidades especiais, mas antes uma vasta rede de malhas desiguais em tamanho e substância e confundidas no tecido geral, sem diferenciação de estrutura.

Isso leva ainda ao conceito de que um mesmo programa pode servir a toda a população escolar, sendo sua aplicação a esta ou àquela região, a esta ou àquela escola e a esta ou àquela classe, mais questão de dosagem do que, própria-mente, de substância.

Dá a conveniência da organização de um programa, que entre dois extremos — o que se pode ter de melhor e o mínimo que se possa admitir no ensino — permita uma série de gradações que representem a adaptação — em quantidade — às condições locais do meio. Para certas diferenciações

mais profundas, como às vezes aparecem em zona rural propriamente dita ou praieira, esse mesmo programa poderá ainda representar essa adaptação em qualidade — dada a possibilidade da escolha de assuntos e de modalidades metodológicas permitida pela sua flexibilidade, nada impedindo, além de tudo, que, em tais casos, coexista ao lado do curso de estudos gerais uma parte profissional conforme ao gênero de atividade dominante na região.

De acôrdo com as considerações expendidas, os programas escolares constarão de:

- a) programa desenvolvido, com instruções e orientação metodológica e que representa o que se deve ensinar na escola primária;
- b) planos de trabalho e projetos destinados a auxiliar a função do professor na classe e ao mesmo tempo a servir de sugestão a seu trabalho;
- c) programa reduzido e que constitui o mínimo que pode ser exigido na escola.

O professor procurará aproximar-se o mais possível do programa indicado na alínea "a", graduando-o e adaptando-o de acôrdo com as possibilidades e interêsses especiais de sua classe e tomará o da alínea "c" como ponto de referência e meio de verificação do seu trabalho.

MARIA R. CAMPOS

## DISTRIBUIÇÃO DA MATÉRIA

O estudo de linguagem neste Programa foi distribuído em seis secções:

- 1.<sup>a</sup>) *Leitura*
- 2.<sup>a</sup>) *Literatura*
- 3.<sup>a</sup>) *Escrita e Caligrafia*
- 4.<sup>a</sup>) *Composição*
- 5.<sup>a</sup>) *Gramática*
- 6.<sup>a</sup>) *Bibliotecas.*

A matéria que constitui o assunto das cinco primeiras secções compreende uma parte geral, de considerações aplicáveis ao ensino em todo o curso primário, seguindo-se-lhe partes especializadas, de acôrdo com os cinco anos do curso.

Quer na parte geral, quer na distribuída pelos anos do curso, a matéria de estudo obedeceu à seguinte ordem (embora nem sempre abrangendo tôdas as subdivisões indicadas):

- a) objetivos
- b) análise dos objetivos
- c) prática de ensino, compreendendo:
  - I — *assuntos*
  - II — *métodos*
  - III — *exercícios e jogos*
  - IV — *verificação da aprendizagem*
- d) mínimo que se deve alcançar.

PRIMEIRA SEÇÃO

LEITURA (1)

---

a) Objetivos.

O ensino da leitura na escola primária tem como objetivos dotar a criança de: a) capacidade de ler com compreensão, desembaraço, naturalidade e rapidez; b) bons hábitos de leitura; c) gosto e interesse pela boa literatura.

b) Análise dos objetivos.

Uma das mais importantes modificações introduzidas nestes últimos anos no ensino primário é, sem dúvida, a preocupação em ampliar e enriquecer as experiências das crianças através da leitura, estimulando hábitos de clara interpretação e hábitos de pensamento.

As crianças, para poderem desenvolver os projetos, planos e problemas da classe, precisam consultar freqüentemente livros de geografia, história, ciências, aritmética e outras fontes de informação. Os bons resultados dessas consultas dependem inteiramente da habilidade e capacidade de o aluno ler, mas ler sozinho e inteligentemente.

Fora da escola, a importância da leitura é ainda mais sensível. A palavra impressa domina o mundo. Lê-se o livro,

(1) Vide Bibliografia: Educação em geral, Linguagem em geral e Leitura.



o jornal e a revista. Lê-se com diversos intuitos e para diversos fins:

- para obter informações (nas ruas, nos bondes, nas estradas de ferro, nas oficinas);
- para adquirir conhecimentos e informações em livros, relatórios, folhetos, etc.;
- para tirar dúvidas: consultas a dicionários, enciclopédias, etc.;
- para saber o que se passa na escola, na cidade, no país ou no mundo (jornal, revista, livros).

Lê-se também para recrear o espírito: pelo gosto de aventuras e de heroísmo; pelo gosto de evadir-se da vida quotidiana, de satisfazer a curiosidade acerca de coisas que estão além do alcance da observação direta, para dar prazer aos outros — lendo em voz alta; pelo prazer estético da forma literária — as belas letras.

A importância da leitura, sob o aspecto social, é do mais alto valor.

A leitura inteligente, isto é, perfeitamente compreendida e assinalada, é meio de pôr o adulto a par de conhecimentos, com um raio de alcance que vai desde o círculo limitado de relações de família e obrigações individuais de serviço, até o que há de mais importante na cidade, no Estado, no país e no mundo. O mesmo se poderá dizer a respeito de plano, teorias e ideais que se formem e se propaguem e, de modo geral, em relação aos diversos aspectos por que se apresentam e são resolvidos os pequenos e os grandes problemas nacionais e mundiais.

Qualquer aproximação que desejamos ter com indivíduos ou coletividades que não estejam imediatamente junto de nós, tem de ser por meio de informações, anúncios, prospectos, cartas, publicações diversas e jornais, ou estudos e apreciações de livros e revistas. Para saber o que poderemos obter desses indivíduos ou grupos, para conhecer suas intenções e modo de compreender as coisas, para ficar a par de suas invenções e aperfeiçoamentos — para tudo isso nos é indispensável a

leitura, instrumento social por excelência, fonte perene de prazer, de informação e de cultura.

A criança deve ler, como o adulto, para seu prazer e para se informar. E o trabalho do professor deve consistir sobretudo em lhe preparar tal ambiente, que ela seja levada não só a querer assenhorear-se do mecanismo complicado da leitura, mas também a alcançar perfeita capacidade no manejo da língua, a adquirir bons hábitos de leitura e a se interessar pela literatura.

Para consecução desses objetivos a criança passa por uma série de estágios, desde o período inicial, em que principia a reconhecer palavras ou grupos de palavras, até o momento em que se torna capaz de interpretar fielmente o que lê, associando rapidamente o sentido às formas, reconhecendo os elementos importantes das frases, analisando, retendo e comparando. Nos primeiros anos muito tempo há de ser dedicado a essa aprendizagem, até que a criança se aposses integralmente do mecanismo da leitura.

Em todas as classes, de acordo com as respectivas atividades, o exercício da leitura deve ser feito pela prática, porque: "aprende-se a ler, lendo".

Há dois tipos de leitura: *leitura silenciosa* e *leitura em voz alta* ou *falada*.

**Leitura silenciosa.** — A leitura silenciosa é importantíssima por vários motivos: 1) a não ser na classe ou em raras ocasiões na vida, a leitura que fazemos é silenciosa; 2) a leitura silenciosa é mais rápida; 3) nela há maior concentração no que se lê e, portanto, melhor se apreende o pensamento do autor; 4) as crianças bem dotadas podem ter mais frequentes ocasiões para ler e as de compreensão lenta, não precisando acompanhar os colegas mais rápidos, como na leitura falada, podem ir lendo de acordo com as suas próprias forças, tomando assim maior interesse pelo que lêem e sendo levadas até a aumentar a sua capacidade de leitura; 5) hábitos de calma e quietude e de respeito pelos outros podem ser inculcados nas crianças, visto como elas próprias sentirão necessidade de sossego para seu trabalho mental, compreendendo os incon-

venientes de perturbar os outros; 6) a criança se habitua mais facilmente a ler por si, a compulsar livros e a escolher nêles o que lhe interessa, isto é, adquire hábitos de estudo.

Além dessas razões, o hábito de freqüentar a biblioteca se forma, o gôsto pela leitura se adquire e pode ser ainda mais desenvolvido, estimulando-se as crianças das classes mais adiantadas a levar livros da biblioteca da escola para ler em casa. A capacidade de fazer essa leitura é fraca nos primeiros anos e se vai desenvolvendo progressivamente no decorrer do curso.

**Leitura oral, em voz alta ou falada.** — A leitura em voz alta é importante, sobretudo nos primeiros anos da escola, quando a criança se firma no manejo da língua, partindo da leitura. Esse progresso é constante e muito sensível até o 4.º ano, mais ou menos, classe em que a criança deve alcançar pleno desenvolvimento da leitura oral. Pela leitura falada o aluno: 1) aumenta o poder de elocução; 2) harmoniza o tom da voz, habituando-se a dar inflexões apropriadas e fazer as pausas necessárias; 3) enriquece mais facilmente o vocabulário, pelas ocasiões que tem de ouvir palavras e receber explicações; 4) corrige vícios e erros de pronúncia; 5) pelo lado higiênico, melhora sua postura física.

Outras vantagens ainda vêm daí: a pessoa que faz leitura em voz alta habitua-se a enfrentar o auditório, aprende a dominar-se e torna-se desembaraçada; os que estão ouvindo aprendem a escutar, a comparar e a preferir.

A leitura em voz alta deve seguir-se o comentário animado e interessante, que implica na troca de idéias e sem o qual a leitura falada seria simples exercício de pronúncia, desprovido de valor. De tal sorte, dado o alcance social da leitura falada, a escola tem o dever de aperfeiçoar essa forma de leitura.

Muitas oportunidades podem apresentar-se para êsse treino:

1) *Leitura dialogada.* — Tôda vez que o trecho lido fôr uma conversa em que duas ou mais pessoas falem, a leitura

pode ser feita por dois ou mais alunos, encarregando-se cada um da parte de um personagem.

2) *Leitura de histórias.* — A leitura oral de história feita na própria classe (2.º e 3.º ano) deve servir para escolha de dramatizações ou para análise e crítica do enredo e dos personagens.

3) *Leitura de saudações, de conferências e de relatórios* nas festividades da escola ou da classe.

4) *Hora da história.* — A hora do conto ou da história tem importância fundamental, principalmente no 1.º ano, quando a criança não pode ainda aproveitar-se dos recursos que a leitura oferece. As histórias, além de constituírem agradável passatempo para as crianças, têm alto valor educativo: estimulam a imaginação, enriquecem o vocabulário, ensinam a lógica das sentenças e são ainda meio de ir inculcando e estabelecendo princípios e bases de educação moral. O critério para escolha de histórias deve ser sempre que elas tragam prazer e proveito.

5) *Grêmios de leitura.* — Nas classes de 4.º e 5.º ano, e talvez mesmo no fim do 3.º, o exercício de leitura oral não tem a freqüência desejável para o desenvolvimento do aluno, porquanto vão ficando raras as ocasiões de ler oralmente. É ocasião, então, para que os alunos organizem o seu grêmio de leitura. Êste, além de proporcionar às crianças ensejo para desenvolvimento social, vem permitir um treino subsidiário ao exercício de leitura falada que se faz em comum na classe. Estimula, por outro lado, o desejo de ler bem, pois só assim poderá o aluno tomar parte ativa nas sessões do grêmio. Além da matéria dos livros da biblioteca da escola, o grêmio se utilizará de poesias diversas, narrativas de acontecimentos mundiais e de descobertas científicas, dados informativos obtidos por meio de recortes de revistas ou jornais, etc. Nesse e noutros grêmios da escola, dada sua função nãimamente educativa, é indispensável a observância de regras de polidez e disciplina social, devendo entre elas merecer destaque especial as de falar a meia voz, cada pessoa falar por sua vez e não interromper a quem estiver falando.

6) *Dramatizações.* — As dramatizações e as pantomimas representam uma das mais interessantes feições dos métodos modernos. Justamente porque a criança tem tendências para exteriorizar-se e espírito de imitação, porque possui curiosidade ativa, imaginação vivaz e, pode-se dizer mesmo, dramática, as dramatizações, isto é, representações de fatos ou histórias, vêm corresponder a uma necessidade inerente à natureza infantil.

A dramatização se processa através das seguintes fases: 1) escolha do assunto — história, fato histórico, fatos da vida comum, etc.; 2) desenvolvimento do plano — divisão do assunto em partes, atos ou cenas, escolha dos personagens que devem figurar na peça, preparo do entretcho, dos cenários e dos trajes; 3) realização.

O trabalho preparatório indicado na primeira e na segunda fase é feito por meio de discussão de que participam mestre e discípulos.

### PRIMEIRO ANO

#### a) Objetivos.

















Os objetivos gerais do ensino da leitura são: 1) despertar e desenvolver na criança o desejo de ler; 2) habituá-la a encantar o que está escrito como sendo provavelmente coisa que tenha utilidade ou lhe traga prazer.

São objetivos especiais: 1) dar à criança habilidade de interpretar o sentido de palavras e frases simples escritas, tiradas do seu vocabulário; 2) habituá-la a pronunciar articulando distintamente as palavras; 3) dotá-la de vocabulário que a torne capaz de ler trechos simples.

#### b) Análise dos objetivos.

O desejo de ler se desperta pelo ambiente da classe, o qual deve ser estimulante e alegre e oferecer o máximo de elementos para leitura, tais como:

- listas no quadro-negro, em cartazes ou em folhas de papel afixadas à parede com os nomes dos alunos (para marcação de presença), com os nomes dos alunos e os cargos ocupados na classe, etc.
- conselhos expressos em frases curtas e incisivas em cartazes ilustrados (escove os dentes, beba leite, fale baixo, não jogue papéis ao chão);
- pequenos letreiros com os nomes das peças do mobiliário ou do material escolar, colocados sobre os objetos correspondentes;
- figuras de animais com os respectivos nomes;
- cartazes com as côres e respectivos nomes; com as quantidades (de 1 a 10) e algarismos ou palavras correspondentes (no tipo dos que aqui figuram):

	AZUL		UM		1
	AMARELO		DOIS		2
	VERDE		TRÊS		3
	VERMELHO		QUATRO		4
	PRÊTO		CINCO		5
	BRANCO				

Os elementos que vão servir à aprendizagem da leitura são:

- assuntos para leitura, os quais devem ser tirados de coisas familiares à criança, de histórias contadas pelo professor, histórias essas que serão melhor apreendidas e fixadas se repetidas pelos alunos e dramatizadas na classe;
- jogos e brinquedos;
- trabalhos diversos — desenhos, recortes, preparo de livros, etc.
- exercícios empregados para reconhecimento e fixação de frases e palavras.

A escolha desses elementos deve merecer os maiores cuidados por parte do professor, atendendo a que, para a aprendizagem da leitura (como, em geral, para qualquer aprendizagem) há um fator essencial e decisivo, que não pode deixar de ser levado em conta, e que é o interesse que a criança sinta pelo que lhe dêem para aprender. Esse interesse não deve ser artificial, obtido com auxílio de um motivo intermediário, como, por exemplo, o desejo de obter um prêmio ou de evitar um castigo, mas deve ser real e direto, isto é, inspirado intrinsecamente pelo assunto de que se está tratando ou pelo trabalho que está sendo executado.

Os assuntos das lições devem, pois, estar rigorosamente à altura da compreensão da criança e, para isso, devem ser tirados de coisas e cenas de seu pequeno mundo: da casa, da escola, ou das ruas por onde passa, de modo que lhe sejam aprazíveis e ao mesmo tempo se lhe revelem como possíveis fontes de informação, úteis à sua vida infantil. Dêsse modo a leitura, desde o início, será para a criança uma coisa interessante por si mesma, e, por isso, ardentemente desejada.

Ensinar a ler consiste em fazer ligar o sentido que o som (palavra falada) representa ao símbolo (palavra escrita) de sorte que, depois de certo tempo, a simples vista do símbolo desperte na criança a significação correspondente sem o intermédio do som. A leitura inteligente (tanto oral como silenciosa) depende essencialmente da presteza com que se faz a associação do sentido ao símbolo ou forma; a leitura desembaraçada dá maior ou menor capacidade de alcançar palavras ou grupos de palavras, num relance de olhos.

Estes conceitos estão mostrando que a escolha das palavras que irão compor as frases deve também merecer do professor especial atenção. A criança, quando entra para a escola, já dispõe de grande cabedal de sons, palavras faladas, que usa em sua vida quotidiana. Isso faz que não só os assuntos, mas também as palavras empregadas para tratá-los devam ser familiares às crianças. Pertencendo tais palavras a êsse vocabulário já conhecido, muito mais fácil é associá-las à forma escrita, não só por já estar o sentido associado à forma oral,

mas porque, sendo conhecidas, isto é, tendo representações nítidas no espírito da criança, serão capazes de prendê-la, de interessá-la e, pois, de muito facilmente conduzi-la à leitura.

### c) Prática do ensino.

#### I — ASSUNTOS OU PONTOS DE PARTIDA PARA O ENSINO DA LEITURA

a) *Conhecimentos prévios da criança:* 1) trabalhos e ocorrências do lar e da escola, das ruas ou estradas, das casas de negócios; 2) brinquedos, passeios, etc.; 3) estudo da natureza — animais domésticos, frutas, flôres, alimentos;

b) *História contada pelo professor;*

c) *Quadras para recitar;*

d) *Figuras e quadros murais;*

e) *Provérbios, máximas e ditados;*

f) *As outras matérias do programa.*

#### II — MÉTODO

OBSERVAÇÕES PRELIMINARES. — Há alguns princípios de ordem geral que no ensino da leitura têm capital aplicação e que, por isso, convém serem aqui lembrados:

1.º) As crianças têm acentuadas diferenças individuais que profundamente influem no trabalho de cada uma e nos resultados obtidos;

2.º) Ensinar não é apenas inculcar noções mas orientar o aluno, pondo-o em situação de aprender e de adquirir desejo e capacidade de nova aprendizagem.

Uma vez que a aprendizagem resulta da atividade do próprio aluno, por mais que o trabalho na classe seja feito coletivamente, a aprendizagem será sempre individual, isto é, de acôrdo com as tendências, inteligência, temperamento e experiência de cada criança.

O trabalho escolar deve, portanto, ser realizado da maneira mais consentânea à individualidade de cada aluno (em forma, extensão, em rapidez) de modo que esta possa expandir-se naturalmente e se possam colher os melhores resultados.

**Processo de sentencição ou ídeo-visual.** — Empregando o processo de sentencição, deve-se observar a seqüência: sentença, palavra, sílaba, letra.

As lições serão baseadas em planos, projetos ou histórias previamente organizados e que se irão sucedendo no decorrer das aulas, abrangendo cada um dêles certo número de lições, conforme a necessidade. Como meio de facilitar e melhorar o trabalho de organização dos planos de leitura, o professor poderá utilizar-se de uma cartilha, escolhendo aí as histórias que serão contadas. Tais planos, entretanto, estarão sempre sujeitas às modificações e adaptações que as circunstâncias forem indicando como necessárias. Para cada um desses planos, projetos ou histórias, a marcha didática na primeira fase (sentença sem decomposição) será mais ou menos a seguinte:

1.º) O professor deve manter a respeito conversação interessante, em linguagem simples, em que os alunos tomem parte ativamente, animando os tímidos a falar e contendo os mais loquazes;

2.º) Serão dramatizadas situações que apareçam na história, tendo assim as crianças perfeita compreensão do sentido;

3.º) Com as idéias principais ou mais interessantes da palestra ou história, o professor organizará, mediante a colaboração dos alunos e com palavras do vocabulário destes, sentenças ou frases curtas que, em dias consecutivos, irá escrevendo no quadro para leitura, uma a uma ou em grupos, conforme as condições da classe. Tais frases poderão ir sendo passadas para um cartaz, onde ficarão registradas, tendo delas as crianças a imagem constante. Nas lições subseqüentes essas frases serão repetidas, conforme a necessidade, sendo para isso preparadas tiras de papel, cada uma com uma frase, im-

pressas ou mimeografadas, para serem distribuídas pelas crianças. Servirão essas tiras para exercícios vários de leitura e comparações, com o cartaz ou o que estiver escrito no quadro ou para jogos diversos;

4.º) A princípio a letra pode ser a de imprensa simplificada (1) por aproximar-se muito da encontrada nos livros e ser mais fácil de copiar pelos alunos, passando-se gradualmente para a manuscrita;

5.º) O professor deve habituar o aluno a ler a frase como um todo, sem preocupação de diferenciar as palavras, a fim de que essa diferenciação não perturbe a percepção do sentido;

6.º) As frases serão repetidas em jogos e exercícios variados até que se tornem perfeitamente familiares e nelas se usarão palavras cujo sentido a criança conheça e que façam, portanto, parte de seu vocabulário;

7.º) Essa repetição deve ser feita com freqüência, mas em períodos curtos.

Logo que o professor perceba que os alunos diferenciam as palavras que constituem as frases estudadas, convém destacá-las em exercícios e jogos, insistindo de preferência nas que representam idéias concretas e interessantes. Quando os alunos principiarem a distinguir as sílabas (o que acontece quando já sabem certo número de palavras) deve-se iniciar a decomposição em sílabas, passando-se finalmente ao estudo das letras, sem preocupação da ordem alfabética, cujo conhecimento virá mais tarde, como noção complementar. Nessa fase haverá sempre exercícios de composição de palavras e frases.

As frases, mimeografadas ou copiadas pelo próprio aluno, podem ser aproveitadas para preparo do primeiro livro da classe.

Ao iniciar a leitura nos livros adotados, as primeiras lições devem ser dadas no quadro-negro e, mesmo depois de os alunos estarem lendo com mais desembaraço, tôda lição nova aí deve ser dada primeiramente.

(1) Vide parte de Escrita e Caligrafia.

Deve-se deixar que os alunos usem livremente o quadro-negro.

O período de estudo da sentença sem diferenciação das palavras variará de extensão de acôrdo com as disposições e capacidade dos alunos, o mesmo sucedendo aos demais períodos (palavras, sílabas, letra).

O ideal será que cada um dos alunos possa seguir a marcha que melhor lhe convenha, demorando-se mais ou menos em cada uma das frases, devendo o professor, para facilitar essa situação, dividir a classe em grupos.

A perfeita apreensão do sentido é indispensável na leitura, em tôdas as suas fases. Por isso, desde o início, deve o professor verificar se o aluno compreendeu o que leu, já fazendo-o traduzir por suas próprias palavras o pensamento expresso nas frases lidas, já interrogando-o sôbre a significação dos vocábulos que compuserem a sentença.

**Processo fônico.** — Se o processo fônico fôr adotado, convém que se lhe dê, quando possível, a vivacidade e atividade que emprestam ao processo de sentencição uma de suas melhores características. Se não se pode, pelo processo fônico, apresentar uma história de que as crianças leiam as frases componentes, pode-se, entretanto, contar uma história, e escritas algumas frases na pedra, fazer ali reconhecer as letras ou sílabas que se pretendem ensinar. Dêse modo é perfeitamente possível as crianças se interessarem pelo que está escrito, vendo aí um sentido.

As frases do trabalho didático suceder-se-ão em sentido inverso ao da sentencição: letra, sílaba, palavra e frase.

O professor começará pelo ensino das vogais, isoladamente, seguindo-se-lhe o das consoantes.

O ensino das vogais compreenderá dois momentos, intimamente ligados:

- a) emissão do som da vogal escolhida;
- b) sua representação gráfica.

Na série de vogais o professor terá o cuidado de seguir a ordem de mais fácil memorização: *o, i, a, e, u.*

Escolherá uma história em que se repita muito a exclamação *oh!*, cujos personagens tenham nomes começados por *o*, em cujo enrêdo esteja, finalmente, lançada uma série de palavras iniciadas por *o* ou cuja tônica tenha essa letra, e fará que os alunos as pronunciem.

O desenho será poderoso auxiliar para a representação gráfica. O professor chamará a atenção dos alunos para a forma da boca quando o som *o* é emitido com exagêro. Representará e fará representar essa forma, assim como contornos de caras, arcos de rodas, caixas circulares e outros objetos sugeridos pelas crianças e que tenham a forma daquela vogal. Ensinará, então, a letra com o nome.

Sabidas as vogais, seguir-se-á o estudo das consoantes, o qual se efetuará nos seguintes períodos:

- a) ensino, pelo sistema fônico, da articulação que a consoante representa, representação gráfica e nome da consoante;
- b) sua ligação com as vogais.

Na escolha das consoantes o professor começará, de preferência, pelas de articulação mais fácil, que se prestem a representações onomatopaicas. Dará o ruído imitativo da consoante e o fará repetir pelos alunos para que exercitem bem o ouvido e os órgãos da palavra. Sabida a primeira consoante, o professor organizará pequenas frases, resumo da história contada, em que entrem palavras com essa letra, e as fará copiar pelos alunos.

Pode-se empregar, neste processo, outra modalidade, cuja marcha será a seguinte:

- 1) Narrará o professor uma pequena história seguindo-se troca de idéias entre os alunos;
- 2) Escreverá depois no quadro-negro três ou quatro frases curtas que representem a história, e onde a letra que se pretende ensinar figure freqüentemente escrita a giz de côr;
- 3) fazendo os alunos compreenderem que falamos por meio de palavras e que estas, graficamente, são formadas por

letras, o professor os levará a observar a letra que pretende ensinar, fazendo ao mesmo tempo que a copiem em seus cadernos e no quadro-negro;

4) serão ensinadas inicialmente duas vogais e uma consoante e logo a articulação da consoante com as vogais, de modo que nas frases escritas durante a sucessão de aulas e de histórias, os alunos reconheçam as letras e logo as sílabas e palavras; se essas letras forem, por ex.: *i*, e *v*, poderá logo com elas formar as sílabas *vi* e *vo* e as palavras: *vivi*, *vovó*, *vovô* e *vivo*. Tais palavras serão apresentadas em pequenas frases e serão a princípio escritas com giz de côr, para melhor se destacarem;

5) conhecidas duas vogais e uma consoante, será apresentada nova vogal (*a*, por ex.) vindo então a sílaba *va* e a palavra *viva*, as quais poderão ser destacadas nas frases escritas no quadro e irão constituir frases completas como: *vi o vovô* e *vi a vovó*, *viva o vovô*, *viva a vovó*;

6) conhecidas três vogais e uma consoante, poderá ser apresentada nova consoante, *d*, por ex., dando as sílabas *dá* e *do* e as palavras: *dado*, *dadá*, *diva* e novas frases;

7) assim se continuará, alternando algumas consoantes com vogais até o conhecimento completo destas; então se prosseguirá no estudo das consoantes;

8) conhecidas as articulações das consoantes com as vogais, serão apresentados gradualmente: *a)* os ditongos e sua articulação com as consoantes conhecidas; *b)* a colocação das consoantes depois das vogais (*ar* e *es*); *c)* os grupos consonantais.

O processo fônico, em ambas as modalidades apresentadas, será aplicado com o auxílio de:

- a) escrita pelos alunos no quadro e nos cadernos, de letras, sílabas, palavras e sentenças, à medida que as forem aprendendo;
- b) narrativa de história pelo professor ou pelos alunos, trocas de idéias;

- c) dramatizações;
- d) desenho de objetos e cenas, pelo professor e pelos alunos, para representar o que se lê;
- e) uso de figuras recortadas, colocadas ao lado das palavras correspondentes;
- f) uso do dicionário a que se faz referência na página seguinte, uso de jogos diversos, emprêgo de tiras, de cartão com sílabas, palavras e frases e desenhos ou figuras recortadas correspondentes;
- g) uso do livro, depois das primeiras lições, sendo as letras, sílabas, palavras e frases escritas previamente no quadro.

Seguindo êsse método o professor deve ter dois cuidados específicos, para evitar certos vícios, adquiridos quando não há essa preocupação:

1.º) fazer que os alunos, reconhecidas as sílabas de uma palavra, leiam logo esta como um todo, sem destacar demais as sílabas, com a acentuação tônica conveniente (*cá sa* e não *cá sá*, por ex.) e atribuindo às vogais o som da linguagem habitual, forte ou abrandado, conforme o caso (*e* e *o* abrandados e *quase iguais*, *a*, *i* e *u* respectivamente: *leve*, *tudo*, *mala* e outras;

2.º) fazer que o aluno, reconhecidas as palavras e seus sentidos, leia a frase como um todo, com as pausas e inflexões necessárias e compreendendo perfeitamente seu sentido, a fim de evitar-se a leitura mecânica, isto é, a simples tradução dos sinais em sons, com alheamento do sentido correspondente.

### Cuidados que devem ser observados no decorrer das lições de leitura

- a) não permitir que a criança leia apontando o que lê com o dedo ou o lápis;

- b) não permitir que o aluno ao ler balance o corpo ou a cabeça;
- c) evitar que o aluno mova os lábios quando fizer leitura silenciosa;
- d) fazer com que a criança, enquanto lê, tome atitude cômoda e conveniente;
- e) procurar desenvolver hábitos cuidadosos no trato dos livros: não virar as páginas com o dedo molhado de saliva, não dobrar o ângulo da página para marcá-la etc.

**Material.** — O material empregado para ensinar a leitura deve ser o mais rico e variado possível: livros com figuras atraentes e histórias simples, as quais podem ser organizadas pelo próprio professor; cartões com palavras, sílabas e letras para composição de sentenças e de palavras; figuras de toda sorte, recortadas e coladas em cartolina, com os respectivos nomes em separado, para armar jogos de leitura; tipos móveis para impressão de cartazes e avisos; cartazes desenhados ou arrançados com sombrinhas (silhuetas), ou quaisquer figuras recortadas, e que dêem conselhos higiênicos; pauzinhos, tentos, contas e tudo mais que o gênio inventivo do professor sugerir.

**Meios auxiliares.** — Os trabalhos manuais executados pelas crianças, nesta classe, têm conexão muito estreita com o ensino da leitura e a variedade dos meios empregados auxilia poderosamente êsse ensino. Os desenhos a lápis ou a tinta ou obtidos por disposições variadas de pauzinhos, tentos ou pequenos objetos, recortes de figuras ou de sombrinhas em papel preto ou de côr, dobrados, modelagem, brinquedos de recortar e armar ou de encaixe, tudo pode ser aproveitado de acôrdo com o plano de leitura.

A organização, pelos alunos, de livros e álbuns ilustrados e escritos e de dicionários, é um dos meios mais atraentes. O dicionário de que aqui se fala é um conjunto de figuras, de preferência coloridas, recortadas e coladas em fôlhas

de papel, com os nomes correspondentes escritos ao lado. Pela figura, os alunos encontram a palavra que a representa, copiando, então, se necessário.

### III — EXERCÍCIOS E JOGOS

Os exercícios para fixação de frases e, depois, de palavras e de letras e os que servem para aumentar a rapidez e a compreensão da leitura, também podem ser dados sob a forma de jogos animados e interessantes, que mantêm os alunos alegres e atentos. O jôgo, além de proporcionar à criança ocasião para exercer certa atividade muscular, que auxilia grandemente a boa disciplina da classe, oferece excelentes oportunidades para se desenvolverem certas qualidades muito necessárias à vida da sociedade, tais como: iniciativa, domínio de si mesmo, espírito de cooperação, respeito ao direito alheio e às leis do jôgo, etc.

Aqui também o gênio inventivo do professor será o melhor auxiliar do seu trabalho didático. Para suprir as falhas e deficiências individuais dos alunos o professor modificará, introduzindo-lhes variantes, os jogos dados como exemplo, e inventará outros adaptados às circunstâncias especiais que precise enfrentar.

**No período inicial, para conhecimento e fixação da sentença.** — 1) Escrevem-se no quadro-negro as frases que estão sendo aprendidas. Distribuem-se pelos alunos tiras de papel ou de cartão do mesmo tamanho e qualidade, contendo cada uma a cópia de uma das frases do quadro. Cada aluno, de per si, vem ao quadro com a sentença que lhe coube, coloca-a junto à idêntica que reconheceu e lê.

2) Escritas no quadro frases que comecem por palavras diferentes, o professor lê a primeira palavra de uma delas. Os alunos que, por êsse início, reconhecerem a frase, levantam a mão: o professor escolhe um, manda ler e passa às outras sentenças.



Esse jôgo também pode ser feito, mais tarde, com emprêgo de palavras de que será pronunciada a primeira sílaba ou letra.

3) *Subida da escada*. — Escolher sentenças, de preferência mal sabidas, e escrevê-las nos degraus de uma escada desenhada no quadro. Cada criança vai subir a escada marcando sucessivamente nos degraus as sentenças que soube ler. Se alguma erra, pára no degrau correspondente e cede o lugar a outra; esta iniciará, por sua vez, a subida da escada.

Este jôgo pode ser feito com palavras em vez de frases. As palavras escolhidas também devem ser as mal sabidas.

**Para reconhecimento e fixação de palavras.** — 1) Organizar de acôrdo com o que os alunos estiverem lendo, coleções de figuras (animais, objetos, etc.) com as palavras que as representam escritas por baixo; ter, em envoltório separado ou em caixas, pedacinhos de cartão onde estejam escritas as mesmas palavras. Fazer a criança colocar, ao lado da figura, o nome certo.

Esse jôgo pode ser feito depois, com as figuras, simplesmente, retirando-se a palavra aí escrita.

2) Escrevem-se no quadro-negro, em duas colunas, dez ou doze palavras já lidas em classe, metade em cada coluna. Dividem-se as crianças em dois partidos; destaca-se uma de cada partido, sendo uma para marcar os pontos e a outra para ler as palavras do quadro.

Dois jogadores, de cada vez, vêm colocar-se de costas para o quadro, um diante de cada coluna.

Ao ser lida uma palavra pelo encarregado da leitura, os dois jogadores viram-se rapidamente para o quadro e procuram reconhecer o mais depressa possível essa palavra. Aquêlê que a encontrar primeiro, indica-a e a lê novamente: então será marcado um ponto para o seu grupo.

O partido que tiver alcançado maior número de pontos, vencerá.

3) Cada criança recebe um cartão com uma letra. O professor escreve no quadro uma palavra já conhecida e que

se possa formar com as letras distribuídas. As crianças que tiverem as letras dessa palavra irão para junto do quadro, colocando-se lado a lado, na ordem em que as letras se apresentam na palavra. O jôgo pode efetuar-se com mais animação sendo a classe dividida previamente em dois partidos e devendo cada um esforçar-se por compor o mais depressa possível a palavra escrita no quadro. Cada partido ganhará um ponto quando formar a palavra primeiro que o outro e um aluno previamente designado fará a contagem dos pontos para saber quem venceu.

**Para exercício de compreensão da leitura.** — 1) Tomam-se alguns envoltórios onde se escrevem os títulos gerais: *jardim, cozinha, escola*, etc. e pedacinhos de papel em que estejam escritas palavras diversas que se possam enquadrar naquelas rubricas: *papel, fogão, panela, livro, caneta, roseira*, etc. O jôgo consiste em fazer as crianças colocarem em cada envoltório as palavras correspondentes aos títulos aí escritos.

2) Escrever no quadro uma história fácil. Entregar às crianças tiras de papel com perguntas e outras com as respectivas respostas acêrca da história escrita. Fazer as crianças colocarem cada resposta junto da pergunta correspondente.

**Para desenvolver e estimular a rapidez na leitura.**

— 1) Marcar tempo para ver quem consegue ler maior número de palavras.

2) Marcar tempo para verificar a demora em ler uma página dada.

Além dêsses jogos muitos outros exercícios serão feitos, como por exemplo:

a) Usar os cartões de palavras mencionadas anteriormente, para fazer a criança: 1) separar as palavras conhecidas das desconhecidas; 2) recompor com as palavras dadas a sentença escrita na pedra; 3) dispor as palavras de uma sentença dada em ordem dife-

- rente e formando sentido; 4) formar livremente frases com as palavras de que disponha.
- b) Utilizar semelhantemente os cartões com sílabas e letras para compor palavras.
  - c) Escrever no quadro-negro uma palavra já muitas vezes empregada; fazer os alunos fixarem-na atentamente; apagá-la e mandar que as crianças a escrevam novamente. Se houver êrro, corrigi-lo à vista da palavra escrita novamente no quadro-negro pelo professor.
  - d) Colecionar palavras aprendidas na semana ou no mês.
  - e) Copiar pequenas frases escritas no quadro-negro pelo professor.

#### IV — TESTES DE LEITURA SILENCIOSA

1) Distribuir fôlhas de papel com figuras, (coladas, mimeografadas ou desenhadas pelo professor) que representem animais, crianças e cenas. Abaixo de cada figura escrever frases que indiquem ao aluno o que deve fazer, como: — *Para colorir de amarelo — Pinte o gato de preto — Faça azul a saia da menina*, etc. A criança só executará a ordem se entender o que está escrito, revelando assim a sua capacidade de ler.

2) Distribuir fôlhas de papel com figuras desenhadas ou coladas e dispostas em colunas, havendo ao lado de cada figura três palavras, dentre as quais a criança deve sublinhar a que represente a figura.

3) Distribuir fôlhas de papel em que esteja escrita uma pequena história muito simples. Abaixo estarão algumas perguntas a respeito da história, uma em cada linha, e adiante de cada pergunta as palavras "sim" e "não". A criança lê a história e depois cada pergunta, devendo riscar a palavra *sim* ou a palavra *não*, conforme o sentido.

#### d) Mínimo que se deve alcançar.

Ao fim do 1.º ano a criança deve ser capaz de: a) ler com relativa facilidade e exata compreensão, tanto no quadro-negro, quanto no livro, sentenças fáceis com palavras do seu vocabulário; b) ler essas sentenças com boa inflexão, atribuindo às letras seus verdadeiros sons, isto é, imprimindo naturalidade à leitura (1).

### SEGUNDO ANO

#### a) Objetivos.

Os objetivos especiais do ensino da leitura no 2.º ano, são: 1) incentivar o desejo de ler, por prazer e para informação; 2) desenvolver rapidez de compreensão e desembaraço na leitura falada; 3) assegurar rapidez na interpretação inteligente da leitura silenciosa, promovendo assim a capacidade de ler independentemente; 4) treinar no uso de livros.

#### b) Análise dos objetivos.

Os objetivos da leitura no 2.º ano são quase os mesmos do 1.º; representam a ampliação destes, porquanto a criança não pode adquirir o domínio perfeito da leitura num ano apenas de estudo. Ao fim dêsse prazo poderá ler com certa rapidez e exata compreensão frases e parágrafos simples, formados de palavras de seu vocabulário e reproduzir o que ler

(1) Quando o Instituto de Pesquisas Educacionais houver verificado qual a velocidade de leitura dos alunos de nossas escolas, deverá constar mais esta exigência, dos mínimos de 1.º, 2.º e 3.º ano: Velocidade mínima de..... palavras por minuto, para as crianças de prolação normal.

com palavras próprias, mas não possuirá ainda o desembaraço que só irá alcançar no decurso do 2.º ano.

O que caracteriza principalmente este período é o desenvolvimento da capacidade de ler que a criança adquire, pela habilidade sempre crescente no exercício da leitura e pela rapidez com que compreende o sentido do que lê.

O estímulo para ler é sempre o fator mais eficiente para o bom resultado do ensino e todas as oportunidades devem ser aproveitadas para esse fim. Tanto a leitura oral como a silenciosa, importantíssimas ambas nesta classe, devem ser praticadas diariamente, sempre que possível, motivadas por um interesse real: o jornal da classe organizado pelo professor é afixado à parede com o fim de informar a criança dos acontecimentos da classe e da escola; a troca de mensagens e avisos que fazem entre si alunos e professores; a leitura de histórias, geografia, etc., escrito no quadro com a colaboração dos alunos; os exercícios escritos, que constem de perguntas a respeito de um trecho, perguntas essas que só poderão ser respondidas depois de feita a leitura silenciosa desse trecho; e, sobretudo, a presença na classe de livros ao alcance dos alunos, — tudo deve ser aproveitado para estimular, desenvolver e implantar o hábito da leitura.

As crianças poderão ser induzidas a trazer de casa revistas e jornais de onde recortarão, guiadas pelo professor, trechos a respeito de algum assunto de especial interesse para a classe ou em relação com o plano ou projeto que estejam seguindo; assim se aumentará a variedade de elementos para leitura. Com esses trechos poderão formar pequenos livros, que ilustrarão com desenhos ou figuras recortadas e que poderão ser feitos individual ou coletivamente.

Na leitura os alunos tomam conhecimento do assunto, de acordo com a sua capacidade de compreensão no momento; recebem as explicações que esclarecem o sentido e orientam no mecanismo da leitura.

A melhor maneira de realizar o trabalho será confiá-lo à iniciativa dos alunos, isto é, levá-los a perguntar a signifi-

cação do que não entenderam e a explicar uns aos outros o que já souberem até o ponto em que seja necessário a intervenção do professor. Assim se estabelecerá uma troca de idéias ou conversa que servirá para esclarecer o sentido ou os tópicos do trecho, o que permitirá muito melhor compreensão da leitura. Em outras oportunidades o professor lerá o trecho antes dos alunos, como modelo de elocução e de expressão.

De quando em quando deverão ser suprimidas tanto a leitura prévia, pelo mestre, como a explicação a fim de, pela entonação dada à leitura e pelas respostas às perguntas subsequentes, poder ser avaliado o grau progressivo de compreensão e, pois, de domínio da língua pelos alunos.

As palavras estudadas em tais condições serão colecionadas pelos alunos os quais poderão assim organizar um pequeno dicionário, para futuras consultas.

A entonação deve merecer cuidado especial, não só para que o aluno se habitue às inflexões próprias, mas como meio de verificação pois, quando má, se não representar vícios adquiridos, será índice seguro de imperfeita compreensão do que estiver sendo lido.

A rapidez na leitura deve merecer cuidado especial, de modo porém que nunca seja obtida a expensas da compreensão e sim caminhando com ela "pari-passu". Não se deve exigir do aluno que leia depressa, mas deve-se levá-lo a ler depressa em consequência da prática de ler que vá adquirindo.

A rapidez da leitura depende, entre outros fatores, do número e duração das pausas do olhar ao longo da linha. À medida que o número e a extensão das pausas diminuí, o processo da leitura se vai regularizando. Isso se faz à medida que a criança vai conseguindo apanhar em um golpe de vista certo grupo de palavras que formam um bloco ou unidade de pensamento.

O meio, pois, de obter rapidez na leitura é familiarizar a criança com esses blocos ou conjuntos, a fim de que os reconheça de pronto, a um olhar, sem necessidade de observar, um a um, seus elementos componentes.

De acôrdo com a habilidade adquirida na leitura os alunos serão classificados em:

- a) alunos que lêem com boa compreensão;
- b) alunos que lêem, rápida ou vagarosamente, com má compreensão;
- c) alunos que pronunciam mal as palavras.

A êsses grupos o mestre dispensará atenção especial, conforme o caso.

Os erros de pronúncia serão emendados no momento. Se acontecer, porém, que sejam muito numerosos, será preferível que assim se proceda apenas com alguns porquanto a correção freqüente, no decurso da leitura, a interromperia constantemente, prejudicando-a, sem benefício para a classe, a qual não poderia reter tantas correções. Os outros erros serão anotados, para correção depois da leitura ou em jogos e exercícios de linguagem.

Essa correção de êrro admite duas fases: 1.<sup>a</sup>) reconhecimento de que há êrro; 2.<sup>a</sup>) correção. Tanto numa como na outra a ação deve ser primordialmente do aluno e só em último caso deverá haver intervenção do professor. De tal sorte a melhor gradação para o trabalho será: 1.<sup>o</sup>) reconhecimento espontâneo e correção pelo próprio aluno; 2.<sup>o</sup>) reconhecimento espontâneo e correção pelos outros alunos da classe; 3.<sup>o</sup>) intervenção do professor, o qual procurará então levar os alunos a descobrir e corrigir o êrro.

Dever-se-á, nesta classe, aproveitar a leitura para iniciar a correção sistemática de erros comuns na pronúncia popular, tais como a tendência para desagregação de certos ditongos, com predominância da primeira vogal (*mantêga*, por *manteiga*; *vassôra*, por *vassoura*); o desaparecimento do *r* e do *s* final (*mandá*, por *mandar*; *as menina*, por *as meninas*).

É sempre útil que a leitura falada seja precedida de leitura silenciosa para facilidade de apreensão do sentido e preparo à boa expressão oral.

Poderá também o professor fazer ler em silêncio parte de uma história para ser contada depois pelos alunos com seus próprios têrmos.

Na leitura silenciosa é preciso fazer com que os alunos perciam o hábito, muito comum nos principiantes, de ler movendo os lábios ou dizendo em voz baixa as palavras, o que representa a fase de transição da leitura falada para a silenciosa. Êsse modo de ler, explicável como meio de adaptação, convém entretanto que desapareça o mais depressa possível, dado o prejuízo que à rapidez da leitura traz sua persistência.

É aconselhável usar-se variedade de livros para leitura, se bem que o progresso da classe não deva ser avaliado principalmente pela quantidade de livros que tenham sido lidos, senão pelo desembaraço e facilidade de ler palavras novas e pela presteza e exatidão com que os alunos aprendam o sentido do que lerem.

- c) Prática do ensino.

## I — EXERCÍCIOS E JOGOS

**Exercícios.** — Além dos exercícios indicados para o 1.<sup>o</sup> ano, podem ser usados os seguintes:

- 1) Organização de listas de palavras que comecem ou terminem pela mesma sílaba.
- 2) Cópia de frases da leitura, escolhidas as mais engraçadas, as que mais tenham agradado, as mais bonitas, as que se prestem a ser ilustradas com desenhos, etc.

O trecho para copiar não deve porém ser longo, porque fadiga inútilmente a criança e produz maior número de erros.

- 3) Cópia de pequenas poesias.

- 4) Ditado no quadro ou no caderno. Se foi feito no quadro-negro, proceder-se-á imediatamente à correção apagando o professor o que estiver errado e escrevendo na forma certa. Se fôr feito em cadernos ou blocos, findo o exercício o professor ou um dos alunos mais adiantados copiará o trecho no quadro-negro e cada um corrigirá seu próprio trabalho.

Verificados os erros comuns à maioria da classe, o professor, em exercícios subseqüentes, procurará eliminá-los.

- 5) Completar frases organizadas pelo professor a respeito de uma história.

#### Jogos. — 1) *Corrida de automóveis.*

O professor desenhará na pedra três automóveis e traçará, partindo de cada um, cinco retas divergentes. A classe será dividida em três grupos, correspondentes, respectivamente, aos três automóveis. O professor chamará três alunos e ditará uma palavra, para que cada qual a escreva em uma das linhas do automóvel do seu partido.

Os demais alunos verificam a exatidão da ortografia; se houver erro a palavra será apagada. Outro grupo de três crianças será chamado, e assim continuará o jogo até que as cinco linhas de um dos automóveis estejam completas.

O partido a que pertencer esse automóvel, será o vencedor. (As palavras ditadas devem ser escolhidas dentre as que os alunos mais comumente escrevem errado).

#### 2) *A viagem.*

Figura-se uma viagem, em que cada fila de carteiras é um trem, sendo os alunos passageiros. Cada trem tem o seu condutor (um aluno indicado pelos colegas).

O professor organiza previamente listas das palavras mais comumente escritas de modo errado pela classe e entrega uma a cada condutor.

Escreve então no quadro-negro nomes de lugares a que o trem pode destinar-se, escolhendo-os familiares às crianças, e manda começar o jogo.

O condutor vai passando pelos passageiros e perguntando a cada um para onde deseja ir. Dada a resposta, diz êle: — o bilhete custa: cadeira (isto é, uma palavra da lista), o passageiro escreve essa palavra num dos seus papêzinhos e o entrega ao condutor; êste compara com a que está na lista para verificar se está certa. Se estiver, o aluno segue a viagem; no caso contrário ficará procurando acertar para seguir noutro trem. Sairá primeiro o trem cujos passageiros acertarem maior número de palavras, sendo êsse grupo o vencedor.

## II — TESTES

- 1) Sublinhar a palavra que diz o contrário da primeira de cada linha:

bom, gostoso, *mau*, bonito,  
alegre, *triste*, feio, delicado

Êsse teste também pode ser feito mandando-se sublinhar a palavra que significa a mesma coisa.

- 2) Sublinhar a palavra que não pertence à série:

boi, porco, *bola*, macaco, pato  
casaco, sapato, *caneca*, meia, vestido

- 3) Ler a adivinhação e sublinhar a resposta certa:

Eu tenho um apito  
Vou muito depressa  
Levo muita gente  
Vou de uma estação a outra.

Sou um aeroplano, um pássaro, um trem.

4) Organizar a respeito de uma história uma série de perguntas cujas respostas poderão ser dadas depois da leitura.

5) Usar as palavras "sim" ou "não" para responder a uma série de perguntas relativas a uma história lida, ou simplesmente para confirmar ou negar afirmações como estas:

*A galinha tem quatro pernas*

sim                      não

6) O professor organiza uma série de perguntas a respeito de um determinado trecho; escreve-as no quadro, precedidas da seguinte indicação: Abra o livro à página tal, leia-a e responda às perguntas.

O tempo marcado para as respostas deve ser previamente indicado.

7) O professor conta uma história simples e interessante, da qual escolhe algumas frases curtas que escreve, com tipo grande, em tiras de cartolina; em seguida apresenta, rapidamente, uma tira a cada aluno, fazendo-os ler a frase à proporção que a tira lhes vai passando diante dos olhos. Assim ficará verificado o número de palavras que a criança alcança num relance, isto é, a rapidez com que faz a leitura.

*d) Mínimo que se deve alcançar.*

Ao fim do 2.º ano o aluno deve: *a)* ler com facilidade os livros aconselhados para a classe; *b)* compreender o pensamento expresso nas frases lidas; *c)* enfrentar sem grandes dificuldades palavras novas; *d)* ler com clareza e entonação agradável (1).

(1) Vide nota à pág. 49 (mínimo que se deve alcançar).

## TERCEIRO ANO

*a) Objetivos.*

Os objetivos do ensino da leitura no 3.º ano, são: 1) desenvolver a capacidade de ler oralmente e em silêncio; 2) consolidar os bons hábitos de leitura; 3) estimular e encaminhar o gosto pela boa leitura; 4) assegurar a capacidade de ler independentemente, por prazer ou para informação; 5) alargar o campo de exercícios da leitura, levando a criança a ler em conexão com as diversas disciplinas do programa.

*b) Análise dos objetivos.*

A capacidade de ler com independência se adquire e se desenvolve pelo exercício constante da leitura silenciosa. Nesta classe não há, contudo, predominância desse gênero de leitura, porquanto a criança necessita ainda de certo treino da leitura oral para completar e aperfeiçoar a capacidade de elocução. O professor deve mesmo ler freqüentes vezes como modelo para os alunos que, assim, irão adquirindo, pela imitação, bons hábitos de leitura falada. A leitura oral deve ser precedida da leitura silenciosa e seguida de comentário vivo e interessante, que provoque oportunidade para comparações e referências, de onde se possam tirar conclusões: assim, além de ficar verificado o poder de compreensão, o senso crítico da criança irá sendo exercitado.

A leitura silenciosa pode ser feita, neste período, com vários intuitos: reprodução oral, respostas a perguntas, obtenção de informações necessárias ao trabalho da classe, seleção dos pontos mais importantes do trecho lido.

Esses exercícios dão hábitos indispensáveis a quem estuda.

A leitura em conexão com as diversas matérias do programa será feita de acôrdo com os planos e projetos da classe.

Nem todos os compêndios didáticos estão escritos em linguagem acessível às crianças desta classe; mas, sempre que possível, o professor levará o aluno a adquirir o conhecimento preciso ou a informação desejada, diretamente do livro.

Na classe deve haver um lugar destinado à afixação de notícias que possam interessar aos alunos, notícias recortadas de jornais e revistas ou então organizadas pelos próprios alunos.

Sempre que possível o professor interessará a turma na organização de um jornal.

Maior variedade de leitura faz-se necessária nesta classe: já não bastam histórias, porquanto na idade em que frequenta o 3.º ano, a criança manifesta curiosidade mais ativa, mais investigadora e mais exigente por determinados aspectos, do mundo que a cerca. Assim, desprendendo-se do individualismo que a caracterizava até então, ela começa a sentir necessidade de fazer parte de um grupo, embora não esteja ainda preparada para a vida em sociedade.

Eis a razão por que se torna oportuna a organização dos grêmios de leitura que, além de proporcionarem freqüentes ocasiões para o treino da leitura, vêm auxiliar a socialização da criança.

As visitas à biblioteca serão mais freqüentes e mais longas que nas classes anteriores.

Tal como no 2.º ano, os alunos devem ser classificados, de acôrdo com a habilidade adquirida na leitura, em:

- a) alunos que lêem com boa compreensão;
- b) alunos que lêem, rápida ou vagarosamente, com má compreensão;
- c) alunos que pronunciam mal as palavras.

Como no período anterior, o mestre dispensará especial atenção a êsses grupos.

### c) Prática do ensino.

#### I - JOGOS

Podem ser utilizados no 3.º ano jogos no gênero dos aconselhados para o 2.º ano.

#### II - TESTES

Os testes aconselhados para o 2.º ano podem ser empregados no 3.º, aumentando-se-lhes progressivamente a dificuldade e sendo êles aproveitados para verificação de conhecimentos adquiridos em gramática e nas outras disciplinas do programa. Além dêsses aqui ficam apresentados mais alguns tipos:

1) Acrescentar um ou dois nomes a cada série dada.

Ex.: *sabiá, tico-tico, pardal, beija-flor, canário.*

2) Numerar a 2.ª coluna de acôrdo com a primeira:

5 - A lã é o pêlo do	(horas .....
4 - Animal coberto de penas	(carneiro .....
3 - Leite e ovos	(ave .....
2 - O relógio marca	(alimentos .....
1 - Irmãs de meu pai	(tias .....

3) Dispor palavras de modo que formem sentido.

Ex.: *O corre bola atrás menino da*

4) Ordenar mentalmente as frases e responder por escrito:

Exemplo: de prêto contrário escreva	(branco)
1 - palavra uma escreva de sílabas três	(.....)
2 - singular casas o escreva de	(.....)

- 3 - bonito contrário de o escreva ( ..... )  
 4 - irmão o de escreva plural ( ..... )  
 5 - nome de objetos dois escolares o escreva ( ..... ) ( ..... )

d) Mínimo que se deve alcançar.

Ao fim do 3.º ano o aluno deve: a) ser capaz de ler à primeira vista, com certa facilidade e expressão, trechos fáceis de linguagem corrente; b) deve ler por gosto e com independência; c) deve ter a habilidade necessária para procurar nos livros informações a respeito das ocupações da classe, assim como para procurar no dicionário as palavras a respeito das quais precisa de informações simples (como ortografia, gênero, sentido principal da palavra), isto é, que não exijam trabalho de escolha e discernimento.

#### QUARTO E QUINTO ANOS

a) Objetivos.

Os objetivos do ensino da leitura neste período são: 1) ampliar o campo de leitura dos alunos, introduzindo-lhes novas variedades de livros, como de: viagens, ciências, geografia, história, artes, literatura; 2) estimular o hábito de leitura, estimulando os alunos a ler fora das horas do trabalho de classe; 3) assegurar a boa compreensão; 4) aperfeiçoar a expressão; 5) fazer que se torne hábito indispensável o uso de livros didáticos, dicionários, enciclopédias, etc.

b) Análise dos objetivos.

No fim do 3.º ano o aluno deve ter dominado completamente as dificuldades que o mecanismo da leitura oferece,

sendo, pois, capaz de ler à primeira vista qualquer trecho. Nos dois últimos anos do curso, aperfeiçoa essa capacidade por meio do exercício contínuo a que o levam os trabalhos da classe.

Na idade em que os alunos normalmente cursam este último período, entre 10 e 12 anos de idade, a imaginação, além de criadora e viva, é eminentemente realizadora; a memória alcança a capacidade máxima, já na facilidade com que guarda já na firmeza com que retém. E', enfim, a idade de ouro da aprendizagem. Nessa idade já se vai estabelecendo a preferência dos alunos por este ou aquele gênero de assunto. O conhecimento de tal preferência, pelo professor, tem grande importância porque, de acordo com ela, irá sugerindo leituras que possam interessar ao aluno. Terá assim meio de levá-lo a intensificar e firmar o gosto de ler e a apreciar a boa leitura, educando-lhe o gosto e fazendo-o adquirir hábitos de seleção.

A compreensão da leitura se aperfeiçoará por meio de exercícios adequados, tais como: comentários que tornem os alunos capazes de descobrir os pontos importantes do trecho; de coligir as informações necessárias, de seguir instruções relativas a um jôgo ou a execução de um trabalho; de fazer a apreciação do estilo e dos sentimentos expressos pelo autor; de encontrar um título para um trecho.

A leitura silenciosa predomina. A oral, entretanto, será feita sempre que para isso houver motivo real.

O professor deverá provocar esses motivos procurando variar o modo de fazer a leitura oral: de uma vez escolherá um grupo de quatro ou cinco alunos para ler, no dia seguinte, trechos por eles mesmos escolhidos; de outras fará ler recortes de jornais ou revistas trazidos pelas crianças; ou permitirá que alguns alunos leiam para a classe trechos de algum livro que os tenha de qualquer modo impressionado.

Pode também servir de motivo para a leitura a incumbência de contar qualquer historieta às classes mais atrasadas.

Os grêmios de leitura prestam também grande auxílio, especialmente às crianças que, apesar de todo o treino desen-



volvido nos períodos anteriores, não tenham conseguido ainda ler bem, oralmente.

No 4.º ano, como nos precedentes, as crianças devem ser grupadas conforme suas deficiências:

- a) crianças que lêem com pouca compreensão;
- b) crianças que lêem sem expressão
- c) crianças que articulam mal as palavras.

A cada um desses grupos o professor dispensará especial atenção, proporcionando-lhe exercícios adequados.

c) Prática do ensino.

## I – JOGOS

Em substituição aos jogos aconselhados para os anos anteriores, pode-se, nestas classes, empregar outros meios interessantes para desenvolver nas crianças a capacidade de ler como, por exemplo, marcar tempo para ler determinado trecho; dividir a classe em grupos para ver qual deles lê melhor à primeira vista, graduando o professor a dificuldade do trecho; fazer o resumo oral de uma história lida na biblioteca, etc.

## II – TESTES

Os testes aconselhados para as classes anteriores poderão ser empregados ainda nas turmas de 4.º e 5.º anos, aumentando-lhes a dificuldade.

Outros modelos:

Quarto ano:

- 1) Numerar as sentenças, ordenando-as de modo que formem sentido:

## O GALO E A PÉROLA

- ( ... ) Deu com uma pérola e exclamou:  
( ... ) E lá se foi, lamentando não ter achado um grão de milho.  
( ... ) A riqueza só tem valor para quem a sabe aproveitar.  
( ... ) Um galo andava catando vermes ou migalhas em um monturo.  
( ... ) Ah! se te achasse um joalheiro! A mim, porém, de que vales?

2) Riscar o todo a que pertencem as partes dadas:

- 1 – nascente, leito, correnteza, foz (serra – lago – rio).
- 2 – base, encosta, cume (ladeira – montanha – vale).
- 3 – asas, bico, penas (anfíbios – aves – mamíferos).
- 4 – proa, pôpa, camarotes (teatro – trem – navio).
- 5 – rodas, motor, assento, volante (trem – automóvel – navio).
- 6 – alicerces, cumieira, compartimento (serra – navio – casa).

Quinto ano:

- 1) Numerar as sentenças, ordenando-as de modo que formem sentido:

## O CORVO E A RAPÔSA

- ( ... ) O queijo caiu e a rapôsa logo o apanhou.  
( ... ) Com o petisco no bico, foi pousar em uma árvore.  
( ... ) Bom dia, belo amigo; cante um pouco e desbanará os rouxinóis!  
( ... ) Um feio corvo pilhou um pedaço de queijo.

- ( ... ) O corvo, todo ufano, abriu o bico.  
( ... ) Adeus, amigo corvo; aprenda a desconfiar dos adula-  
dores.  
( ... ) Uma rapôsa aproximou-se atraída pelo cheiro.

2) Coloque uma cruz ao lado das duas frases que  
melhor se apliquem à seguinte fábula:

Um pobre hortelão cansava-se em preparar sua horta,  
em regá-la, em resguardá-la do sol, esperando que viçosa  
hortaliça lhe pagasse o trabalho. À noite, porém, descuidan-  
do-se, deixava que na horta entrasse um burro e, no dia  
seguinte, tudo estava estragado e arruinado. Maldizia-se o  
miserico e punha-se de novo a trabalhar, para ter, à noite, o  
mesmo resultado.

- 1 — O hortelão preparava a horta para alimentar o burro.
- 2 — Mais estraga o desleixo de um momento do que edifica  
o cuidado de todo o dia.
- 3 — Não deixemos para amanhã o que pudermos fazer hoje.
- 4 — Não basta trabalhar, é necessário ter prudência.
- 5 — Nem tudo se aproveita.

d) Mínimo que se deve alcançar.

No fim do curso primário o aluno deve ter adquirido:  
a) bons hábitos de leitura e de freqüência à biblioteca; b)  
interêsse e gôsto pela literatura; c) expressiva e agradável  
leitura falada; d) prática de uso do dicionário.

## SEGUNDA SEÇÃO

### L I T E R A T U R A (1)

---

a) Objetivos.

Os principais objetivos da literatura no ensino primário  
são: 1) proporcionar ao aluno um passatempo agradável; 2)  
despertar-lhe e desenvolver-lhe o senso da beleza literária; 3)  
dar-lhe bons modelos que sirvam de auxílio ao seu trabalho  
original, aprimorando-o; 4) enriquecer-lhe o vocabulário.

b) Análise dos objetivos.

E' incontestável o alto valor da literatura na escola pri-  
mária: cria para a criança um ambiente de boas idéias, que  
lhe desdobra ante os olhos ilimitado horizonte de útil dis-  
tração e de elevado prazer; revela-lhe a existência e a magia  
do belo; estabelece o contacto entre a vida infantil e o pas-  
sado da humanidade cuja experiência passa a ser um bem  
que a criança possui; desenvolve-lhe a imaginação, dando-lhe  
a conhecer outros povos, outras terras, outros costumes; disci-  
plina-lhe os sentimentos, concorrendo poderosamente para a  
formação de nobres ideais, que lhe embelezarão a vida;  
facilita-lhe o jôgo da linguagem, pela variedade de formas  
fluentes e elegantes, aprimorando assim a sua capacidade de  
expressão.

(1) Vide Bibliografia: Educação em geral, Linguagem em geral e  
Literatura e Bibliotecas.

Desde os primeiros passos na escola a criança deve ser influenciada pela literatura.

A história e a poesia ocupam vasto lugar na educação primária. Ambas são instrumentos poderosos na mão de um professor que os saiba empregar.

Uma das principais habilidades do professor é, sem dúvida, saber contar uma história: esta é a varinha mágica que transporta a imaginação a um mundo de encantamento, onde a criança deleita o espírito e colhe bons exemplos, que pode aplicar no meio em que vive.

No 1.º ano a ação do professor é direta, pois que, não sendo possível que a criança leia por si mesma, deve ser o mestre o seu primeiro livro de histórias.

Nas classes subseqüentes o papel do professor é de guia zeloso e atento, que age discretamente, colocando o livro nas mãos do aluno sem lhe tecer elogios, para que no fim da leitura se manifeste espontaneamente a impressão da criança tal como a obra lhe deixa no espírito, sem a influência da opinião do mestre. Essa impressão do aluno será a princípio da crítica em que o professor deve colaborar, sem a preocupação, porém, da análise do estilo, da dissecação das figuras de retórica e outras particularidades transcendentais para a mentalidade infantil; seu fito deve ser levar a criança a penetrar a beleza do trecho lido e a saber dizer o que apreciou e por quê.

### c) Prática do ensino.

#### PRIMEIRO ANO

Nesta classe, não podendo a criança utilizar-se do valioso instrumento que é a leitura, as histórias serão contadas pelo professor, devendo conter sempre uma finalidade educativa e ser ao mesmo tempo interessantes, divertidas e perfeitamente ao alcance dos ouvintes, de modo que sejam bem compreendidas e apreciadas e não se prestem a incutir temor,

idéias falsas ou credices. Pequenas poesias, principalmente quadras e cantigas tradicionais, devem ser aproveitadas, a par das histórias, não só como assunto de leitura, mas também como exercícios de memória e de interpretação dramática.

A dramatização nesta classe é, pode-se assim dizer, de primordial necessidade.

Fazer que a criança ouça histórias e viva os personagens das histórias, dá azo a que sua imaginação trabalhe ativamente sem correr o risco de desviar-se para a invencionice ou o devaneio.

As histórias narradas pelo professor deverão ser repetidas pelos alunos, sendo utilizadas apenas histórias curtas, de enredo e forma simples.

O valor das histórias contadas pode ser reconhecido pelo interesse e rapidez com que os pequenos ouvintes delas se apropriam.

#### SEGUNDO ANO

A criança no 2.º ano poderá ler muitas das histórias contadas no ano anterior, além de fábulas, poesias e lendas. O critério a respeito dos assuntos será o mesmo do 1.º ano, dilatando o professor um pouco mais o seu campo de escolha.

As crianças repetirão as histórias com suas próprias palavras e serão levadas a observar o mais possível as particularidades do enredo, não, porém, decorando como em relação à poesia.

Para que as crianças tomem real interesse no contar de histórias e no recitar de poesias, o professor aproveitará todas as ocasiões oportunas, tais como festividades, visitas dos pais à escola, etc.

#### TERCEIRO ANO

No 3.º ano, tal como no 2.º, poderá ainda a criança ler histórias ouvidas nos anos anteriores; seu campo de leitura já se vai também alargando.

Poderá então ler histórias mais longas, contos, fábulas e lendas, além de trechos selecionados que podem, pela sua conexão com os programas, ser incluídos na coleção de leituras da classe.

A poesia terá, por sua vez, mais largo emprêgo. Coleções de poesias líricas, épicas, descritivas ou jocosas devem ser organizadas para variar e enriquecer o cabedal de leitura.

Essas poesias, depois de convenientemente comentadas, serão memorizadas, devendo cada criança ter de cor uma série de cinco ou seis por ano.

Histórias e poesias aprendidas proporcionam diversos ensinamentos e prestam-se a exercícios variados de composição oral e escrita, quando reproduzidas no todo ou em parte, ou dramatizadas. Irão constituir o repertório de cada criança para sua participação nas festas, assembléias e demais reuniões da classe.

#### QUARTO E QUINTO ANOS

No 4.º e 5.º anos, tendo a criança maior capacidade para ler, poderá explorar também mais variado campo de leitura, travando conhecimento com estilos diversos e assuntos variados: esportes, aventuras, lendas, etc.

A leitura de livros assim selecionados é de grande utilidade para a criança, mesmo no ponto de vista prático, porque por êsse meio seu vocabulário se enriquece poderosamente ao mesmo tempo que se desenvolve a sua capacidade de traduzir o pensamento pelo emprêgo de têrmos adequados à sua expressão, encontrados nos livros que escolhe para ler.

Nem tôdas as crianças poderão ler e gostar de ler todos os livros recomendados para a classe, mas haverá sempre alguns que serão preferidos pela maioria. O professor deverá ter porém o cuidado de procurar despertar sempre nos alunos o desejo de sinceridade e evitar que se tornem demasiado sentimentais.

Nessa fase da vida (10 aos 12 anos) as crianças se interessam sobretudo pelos aspectos aventureiros e heróicos, pelo mundo que as cerca (natureza, anúncios, plantas, etc.), por aspectos ou fenômenos um tanto fantásticos ou sobrenaturais. Os livros devem ser escolhidos, portanto, dentro dêsse critério.

Para desenvolver melhor o senso de críticas e habituar a criança a tirar do que lê todo o proveito que o livro puder dar, o professor organizará, de quando em quando, questionários, nos moldes mais ou menos dos que são dados em seguida e que poderão, depois de respondidos, ser submetidos à apreciação da classe.

#### MODELO DE QUESTIONÁRIO PARA O 4.º ANO

Qual o título do livro?

Quem o escreveu?

Sobre qual dos seguintes assuntos o livro versa:

aventuras?

acontecimentos de nossa vida?

contos de fadas?

mitologia?

lendas?

poesias?

viagens?

Como achou o enredo?

alegre?

triste?

capaz de despertar entusiasmo?

pouco interessante?

Diga por quê.

Diga qual foi o incidente que mais apreciou.

Você recomenda a seus colegas a leitura dêsse livro?

Por quê?

## QUESTIONÁRIO PARA O 5.º ANO

Se você tiver de fazer um relatório a respeito de um livro que tenha lido, talvez estas sugestões o auxiliem a fazê-lo melhor:

Qual o título do livro?

Quem o escreveu?

Sabe alguma coisa da vida do autor?

Já leu outros livros deste autor?

Qual o assunto?

É em prosa ou verso?

Como achou o enredo: alegre? interessante? capaz de despertar entusiasmo?

Por quê?

Qual o incidente que mais apreciou?

Dê o nome dos principais personagens.

Diga, em poucas palavras, o que acha de cada um deles.

Você recomendaria esse livro a seus colegas?

Diga as razões que o levariam a isso.

Quem recomendou esse livro a você?

As poesias também variadas e de acordo com aspectos que interessem à criança: poesias líricas, poemas épicos, poesias engraçadas, tais como desafios, charadas, etc.

Cada aluno deverá ter um repertório de histórias e poesias que, em ocasião adequada, possa usar.

d) Mínimo que se deve alcançar.

### PRIMEIRO ANO

O mínimo que se deve exigir ao fim do ano é a reprodução fiel, quanto ao sentido, de duas das histórias contadas durante o ano e a memorização de três pequenas poesias.

### SEGUNDO, TERCEIRO E QUARTO ANOS

As crianças deverão reproduzir por suas palavras três histórias, lendas ou fábulas e de memória três poesias ou pequenos poemas.

### QUINTO ANO

Os alunos deverão ter um pequeno repertório de histórias e de poesias.

## TERCEIRA SEÇÃO

### ESCRITA E CALIGRAFIA (1)

---

#### a) Objetivos.

1) Desenvolver na criança habilidade suficiente para torná-la capaz de escrever com facilidade, rapidez e legibilidade, enfrentando as necessidades da vida social; 2) dotar a criança de método de trabalho que lhe permita usar a escrita inteligentemente; 3) assegurar-lhe o hábito de dar boa disposição a todo trabalho escrito, como margem, espaço, tipo de letra, etc., etc.

#### b) Análise dos objetivos.

A habilidade de escrever varia muito de criança a criança e muito depende da capacidade de coordenar movimentos delicados da escrita. A idade e o grau de maturidade são fatores que muito influem na rapidez e perfeição da escrita, porquanto à proporção que a criança vai adquirindo essa maturidade, isto é, que consegue firmar a coordenação motora dos músculos da mão e do braço, vai melhorando e aumentando a capacidade de escrever.

A posição do corpo no ato de escrever deve ser muito cuidada pois, além de influir na escrita, pode trazer graves

---

(1) Vide Bibliografia: Educação em geral, Linguagem em geral e Escrita e Caligrafia.

conseqüências para a saúde do aluno. E' indispensável, portanto, que o professor faça observar, cuidadosa e persistentemente, sobretudo nos três primeiros anos, no período em que a criança adquire os hábitos necessários ao trabalho escrito, as seguintes indicações: *a)* pés apoiados no chão; *b)* busto aproximado da posição ereta, apenas ligeiramente inclinado para a frente; *c)* ambos os braços sobre a mesa; *d)* caneta em direção ao ombro; *e)* caneta ou lápis sustido com leveza; *f)* papel ligeiramente inclinado para a esquerda. Em todo exercício escrito a criança deve ser levada a comparar o trabalho com o modelo feito no quadro-negro pelo professor ou com as tiras, já organizadas para a lição de leitura, cuja letra deverá ser sempre a melhor possível, tanto na forma como na disposição.

Essa comparação, entretanto, não se fará assinalando com severidade os erros ou defeitos da escrita do aluno, mas procurando despertar em seu espírito o desejo de atingir aquele grau de perfeição.

Para vencer as dificuldades que se apresentam, principalmente no início da aprendizagem da escrita, o fator mais eficiente será sempre despertar o interesse da criança pelo que vai escrever. Escrever seu próprio nome no caderno, no livro ou na caixa de lápis, copiar os letreiros que indicam os objetos da sala, copiar o nome da escola, da professora as lições de leitura, as expressões de polidez; fazer agradecimentos e convites para festividades realizadas na classe — tudo isso pode ser aproveitado, mesmo quando as crianças só disponham de habilidade suficiente para escrever simples frases e palavras que estejam aprendendo a ler, porque então os exercícios caligráficos servirão como incentivo ao desejo de aprender a escrever. Não devem, porém, os exercícios de escrita no 1.º ano ultrapassar 10 a 15 minutos, porquanto um período mais longo exigiria da criança esforço superior ao que lhe é possível despende.

Nas outras classes, além dos motivos reais para escrita, as crianças podem ser levadas a organizar livrinhos onde

copiem, com letra cuidada, trechos de prosa e poesia de sua preferência.

A escrita no quadro-negro, no 1.º ano, deve ser feita sistematicamente e com a maior freqüência possível, mesmo quando a criança já esteja escrevendo no papel. No 2.º e 3.º anos esse uso irá em progressivo declínio. Também no quadro-negro uma boa posição deve ser observada: a criança ficará de frente para o quadro, a certa distância, segurando o giz dentro da mão.

Os movimentos ritmados auxiliam poderosamente o treino da escrita. O professor pode aproveitar as canções que a isso se prestem para fazer as crianças acompanharem o ritmo da música, traçando no quadro-negro ou no papel uma sucessão de curvas e traços em sentido horizontal ou vertical. Outros movimentos rítmicos podem ser aproveitados como motivo de representação. Nesse caso a criança imitará com a mão os movimentos do pêndulo, da vareta ao rufar do tambor, de quem move a corda para outra pessoa pular, etc.

O desenho e o recorte são também de grande utilidade para o fim visado.

### c) Prática do ensino.

O tipo de letra empregado pode ser o de imprensa simplificado, que será depois gradualmente substituído pelo manuscrito propriamente dito. Essa aproximação da letra de imprensa tem grande vantagem no período de iniciação, por atenuar consideravelmente a dificuldade que a criança sente para reconhecer letras de quatro alfabetos diferentes (maiúsculas e minúsculas, de imprensa ou manuscritas) e de executar os movimentos necessários à escrita. A simplificação é de vantagem em qualquer período, inclusive na vida adulta, onde a escrita de letras mais simples corresponde a considerável aumento de rapidez no escrever.

Os modelos impressos podem ser usados quando o aluno já saiba escrever e como meio de aperfeiçoamento da letra, visto como a letra do professor, no quadro, por melhor que seja, não poderá atingir a perfeição do modelo. Convém, entretanto, não abusar dêsse gênero de exercícios para que se não tornem enfadonhos e só os dar ao aluno depois de estar êste convencido da necessidade que tem de executá-los movido por verdadeiro interêsse, qual seja o desejo de aperfeiçoar-se.

O tamanho da letra, no 1.º ano, começará, naturalmente, sendo muito maior que o normal, com a tendência gradual para diminuir, à medida que a mão se firma e os movimentos se coordenam. Nesse ponto, como na questão de cunho particular, talhe e expressão, o professor deve respeitar o mais possível a individualidade do aluno, atendendo a que a letra é uma expressão da personalidade. Desde que a criança adquira letra, isto é, seja capaz de escrever, a intervenção do professor deve dar-se somente em casos especiais de retardamento excessivo ou de certas particularidades que o aluno se mostre incapaz de resolver por si.

O material empregado, além do quadro-negro, com giz branco, e de côr, será papel sem pauta para os principiantes, e papel pautado para os outros. A pauta dupla só será usada em casos especiais, como corretivo a sensível desproporção das letras, desproporção essa que já esteja em desacôrdo com o grau de adiantamento do aluno.

Será usado lápis muito mácio para o 1.º ano, tipo Faber n.º 1, mais duro para o 2.º ano, tipo Faber n.º 2 e caneta esferográfica do 3.º em diante, ou mesmo a partir do 2.º, conforme as condições da classe.

d) Mínimo que se deve alcançar.

### PRIMEIRO ANO

Conhecimento de tôdas as letras do alfabeto manuscrito, maiúsculo e minúsculo, independentemente da ordem alfabética; capacidade de representá-las isoladamente ou em palavras. Tamanho maior que o tipo comum, letra legível, embora sem perfeição de forma, nem exatidão de proporção.

### SEGUNDO ANO

Letra de tamanho quase normal, melhor talhe, forma e proporção mais perfeitas, sem contudo ser ainda o que se possa considerar como uma boa letra.

### TERCEIRO ANO

Letra do tamanho normal, boa proporção, melhor talhe e forma (1).

### QUARTO E QUINTO ANOS

Letra normal, bem proporcionada e nítida (1).

(1) Quando o Instituto de Pesquisas Educacionais houver verificado qual a velocidade de escrita dos alunos de nossas escolas, deverá constar do programa mais esta exigência: Velocidade mínima de... letras por minuto.



## QUARTA SEÇÃO

### COMPOSIÇÃO (1)

---

#### a) Objetivos.

O objetivo geral do ensino da composição é dar à criança capacidade de expressar-se oralmente ou por escrito com clareza, facilidade e correção, na escola ou em qualquer outra situação da vida.

Além dessa finalidade geral há a considerar objetivos peculiares à composição oral, outros comuns à oral e à escrita e outros, finalmente, só à escrita.

#### I – OBJETIVOS PECULIARES À COMPOSIÇÃO ORAL

1) Habituá-la a falar com desembaraço, entonação agradável, enunciação clara, articulação distinta e boa pronúncia.

2) Habituá-la a ouvir com atenção.

#### II – OBJETIVOS COMUNS À COMPOSIÇÃO ORAL E À ESCRITA

1) Enriquecer o vocabulário da criança, habituando-a a escolher o termo adequado.

---

(1) Vide Bibliografia: Educação em geral, Linguagem em geral e Composição.

- 2) Habitua-la a empregar a forma correta e dispor e ligar as frases de modo conveniente.
- 3) Habitua-la a pensar no que vai dizer ou escrever, a fim de disciplinar o pensamento.
- 4) Habitua-la a avaliar o seu próprio trabalho e o de seus companheiros.

### III – OBJETIVOS PECULIARES À COMPOSIÇÃO ESCRITA

- 1) Levar a criança ao domínio da caligrafia, da ortografia, do emprego de maiúsculas e da pontuação.
- 2) Fazê-la compreender que letra legível e boa disposição dada ao que se escreve é cortesia devida ao leitor e prova do respeito a si próprio.
- 3) Habitua-la a escrever com acêrto e correção cartas, requerimentos, resumos, narrações, definições, etc.
- 4) Habitua-la a rever todo trabalho escrito antes de dá-lo por acabado.

#### b) Análise dos objetivos.

É indispensável que na escola seja dada grande importância à linguagem oral, não só por ser o meio mais comum de transmissão de pensamento, mas também por estar a linguagem familiar, empregada pelos alunos, comumente eivada de erros e de vícios, que, sob a forma de hábitos inveterados, representam obstáculos contra os quais o professor precisa lutar.

A linguagem oral, além disso, dá ao professor muita oportunidade para aproveitar a natural necessidade de expansão da criança, a qual está sempre pronta a exprimir-se quando se encontra diante de uma situação real da vida ou quando fala a respeito de um plano ou projeto que deseja realizar.

O desejo de fazer alguma coisa útil, de representar um papel importante, é outra tendência de que o professor deve aproveitar-se para fazer a criança falar, tendo, porém, sempre em vista que a criança “fale tendo alguma coisa para dizer e, nunca, diga alguma coisa só para falar”.

Daí a importância da escolha do assunto, o qual deve ser capaz de integrar-se no quadro de interesse da criança, para que se manifeste francamente a originalidade desta. É pela prática constante que se adquire boa linguagem. Habitando a criança a falar com correção e clareza, estará o professor ensinando os princípios e regras de redação.

O sentido ou a compreensão da frase, a seqüência lógica das orações no período e dos períodos no trecho que se está compondo, têm importância capital.

Se desde os primeiros anos se ensinar a criança a pensar, a refletir no que vai dizer e no acontecimento ou na história que vai contar, ela aprenderá a exprimir-se clara e concisamente e não perderá tempo em fraseado desnecessário.

A redação de cartas deve merecer o maior cuidado e ser empregada tão freqüentemente quanto possível. Fora da escola a carta é o meio mais comum de exprimir o pensamento por escrito, já pelo desejo de comunicação entre amigos, já pela necessidade de troca de informações, já pela exigência de transações comerciais. Sendo os motivos assim diversos, serão também várias as formas em que se traduzirão êsses motivos: a carta entre amigos, cordial, espontânea, acentuadamente pessoal, como que uma conversa no papel; a carta social para troca de cortesias ou para dar ou pedir informações, familiar ou cerimoniosa de tom, em série de gradações; a carta comercial com outras características: cortês, concisa, exata e sempre motivada por um desígnio especial, com o qual se deve exclusivamente ocupar.

As ocupações dos alunos na escola devem ser o mais possível apresentadas para motivar correspondência animada, quer dentro da própria escola, quer entre escolas diferentes, do Brasil ou do estrangeiro.

c) Prática do ensino.

Pontos de partida para exercícios de linguagem.

a) Oral:

- 1) *conversação*;
- 2) *reuniões*;
  - a) reuniões comuns na classe;
  - b) reuniões extraordinárias: assembléias;
- 3) *discursos*: — brindes, apresentação de um espetáculo, etc.;
- 4) *discussões práticas*: discussão de projetos; programas para a classe, dramatizações para as festividades, etc.; eleição dos monitores encarregados da merenda, biblioteca, etc.; escolha de monitores para os jogos.

b) Oral e escrita:

- 1) relatórios verbais de excursões, de leitura, de reuniões das classes;
- 2) mensagens — anúncios de jogos, de reuniões, etc.;
- 3) explicações e explicações;
- 4) adivinhações, charadas e outros brinquedos;
- 5) anedotas e histórias.

c) Escrita:

- 1) cartas;
- 2) jornal da classe ou da escola;
- 3) notícias e convites;
- 4) relatórios;
- 5) resumos e notas de investigação para o estudo.

PRIMEIRO ANO

a) Objetivos.

- 1) Animar a criança a falar livre e espontaneamente;
- 2) assegurar clareza e naturalidade ao tom da voz; 3) dotá-la de idéias, que lhe sirvam para desenvolver a capacidade de expressão.

b) Análise dos objetivos.

Ao entrar para a escola a criança já vem aparelhada de grande cabedal de palavras e de maneiras de expressar-se adquiridas através da imitação do falar do adulto.

O trabalho da escola é substituir os maus hábitos de expressão, tanto em forma como em qualidade e tom de voz, por outros hábitos de que o professor será modelo para consciente ou inconsciente imitação.

A composição neste ano é quase exclusivamente oral. Muitas vezes é difícil conseguir que a criança fale com espontaneidade e, para que haja o estímulo necessário à expressão oral, é preciso que a impressão recebida tenha sido bem intensa e, portanto, que os assuntos escolhidos para as palestras com as crianças sejam tirados da vida da classe, dos acontecimentos diários, ou da imaginação vivaz da criança. Nas conversações da classe o professor não deve mostrar-se somente interessado, mas sim participar da conversa trazendo seu contingente pessoal de observação. Muita importância deve dar a êsse trabalho oral, procurando habituar a criança a falar com clareza, com boa entonação de voz, animando os tímidos e contendo os mais loquazes a saber ouvir. Quanto mais se habituem as crianças a falar com correção e a ouvir tanto mais fácil será, depois, o trabalho escrito. Os erros graves de linguagem devem ser emendados com certo cuidado, pro-

curando o professor, se muito freqüentes, corrigir apenas os mais graves para evitar retraimento e desânimo por parte das crianças. Todos devem, entretanto, ser anotados cuidadosamente para subsequente correção. Se a classe, porém, fôr composta de crianças vivas e desembaraçadas, não haverá inconveniente em principiar mais cedo a correção.

O trabalho escrito, a princípio, constará apenas de cópia das pequenas frases ou sentenças que os alunos aprendem a ler; mais tarde levar-se-á o aluno a fazer trabalho próprio, sem ser por cópia, o qual deverá ser, tanto quanto possível, de colaboração.

As histórias fornecerão alto contingente para composição oral.

As crianças reproduzirão parte da história ou toda ela, sob a direção do professor, o qual organizará as perguntas que tenham de ser respondidas; mais tarde a própria criança será levada a narrar os pontos mais importantes do enredo sem intervenção contínua do professor.

Figuras e quadros murais também podem ser tomados para ponto de partida. Devem ser interessante e ter por assunto cenas familiares às crianças, sem sobrecarga de particularidades. Podem servir para enumerações e ligeiras descrições e interpretações, sob a assistência do professor.

Além das dramatizações, as pantomimas podem ser empregadas. É um exercício interessante e divertido para as crianças e que lhes educa a atenção.

c) Prática do ensino.

## I - ASSUNTOS

Conhecimento que o aluno tem, através de sua própria observação: 1) A casa, os trabalhos domésticos, a família, os animais domésticos, o jardim, o quintal. A escola, os companheiros. O bairro e seus aspectos: casas de negócio, vendedores ambulantes, tipos de rua. 2) Histórias. 3) Poesias

4) Expressões de polidez: Bom dia, Boa tarde, etc. Por favor, muito obrigado, dê licença, desculpe-me, sim, senhor. 5) Ações corteses: ouvir atentamente o que os outros dizem; não interromper quem estiver falando; passar, sempre que possível, por trás das pessoas e não pela frente; 5) provérbios, máximas e charadas; 6) Figuras e quadros murais.

## II - JOGOS

1) *A palavra atirada.* — Os alunos sentam-se em círculo. Uma criança atira a qualquer colega um lenço e ao mesmo tempo lhe diz uma sílaba, *la*, por exemplo. A que recebeu o lenço deve responder dizendo uma sílaba que, junto à primeira, forma uma palavra; *pis* (lápiz). Por sua vez ela jogará a outro colega o lenço, dizendo outra sílaba. A que não responde ou responde errado, paga prenda.

2) *Rimas.* — Um aluno diz a outro uma palavra qualquer. Aquêles a quem a palavra foi dirigida deverá responder com uma palavra que rime. Ex.: jornal, pardal; pão, melão, etc. Pelos erros e repetições serão pagas prendas.

3) *Profissões.* — Um aluno atirá a outro um lenço, dizendo, ao mesmo tempo, o nome de uma profissão: padeiro, por ex.; o que recebe o lenço responde com o nome de um objeto ou substância usado pelo padeiro: farinha, ou outro qualquer e passa o lenço adiante, indicando outra profissão. Assim continua o jogo, ficando os erros sujeitos a pagamento de prenda.

4) *Ar, água e terra.* — Um jogador atira o lenço a outro dizendo uma das três palavras: ar, água ou terra. Supondo que seja "água", o aluno que recebe o lenço deve responder com o nome de um ser que viva n'água — sardinha, por ex. Se fôr "terra" o aluno a quem é atirado o lenço, deve responder: — cão, por exemplo. E assim por diante. Também pode ser seguida a ordem inversa, isso é, dizer o aluno que inicia o jogo o nome do ser, para obter na resposta o lugar onde viva (ar, água, terra). Pelos erros ou demora, pagam-se prendas.

d) Mínimo que se deve alcançar.

Ao fim do 1.º ano, a criança deve ser capaz de escrever de cor a maior parte das palavras aprendidas durante o ano; empregar o ponto final e o de interrogação; empregar letra maiúscula em seu nome, nos dos colegas, no de seus pais e no princípio da frase; escrever corretamente seu nome e enderêço, nome da escola e data.

## SEGUNDO ANO

a) Objetivos.

1) Desenvolver facilidade, correção e clareza de expressão; 2) disciplinar o pensamento, desenvolvendo o "sentido da frase"; 3) assegurar iniciativa e desembaraço na conversação; 4) auxiliar o aluno a reconhecer e emendar os erros cometidos.

b) Análise dos objetivos.

A composição dêste ano ainda é predominantemente oral: é como que a expansão do trabalho do ano anterior. A composição escrita deve, na maioria dos casos, ser preparada coletivamente. O trabalho de composição individual deve ser dado com muito cuidado, não exigindo o professor mais de duas ou três frases a respeito dos assuntos escolhidos.

Os assuntos devem visar ao desenvolvimento e esmêro do vocabulário, a capacidade de observação e a habilidade de expressar o que foi conhecido pela observação e experiência pessoal, de modo que as crianças, movidas por verdadeiro interesse, tenham ocasião de falar não somente pelo prazer de falar, mas para transmitir a impressão que tenham recebido. A narrativa de histórias, sendo exercício essencialmente agra-

dável às crianças, leva-as, pelo interesse de conhecer determinada minúcia do enredo, a perguntar, a indagar, a comentar.

A história lida pelo aluno ou contada pelo professor será, sempre que possível, reproduzida no todo ou em parte pelos alunos, seguindo-se a êsse trabalho exposição de opiniões sôbre o assunto e dramatização.

O professor tomará nota dos erros mais freqüentemente cometidos pela classe e fará uma lista das formas corretas correspondentes, afixando-a bem em evidência, na sala de aula. Além disso em jogos, em conversas, a todo propósito, enfim, deve o professor levar o aluno a repetir as palavras em que comumente erra; fazê-lo dar a cada objeto o nome apropriado, banindo as expressões: "negócio", "coisa", assim como o emprego de termos de gíria de modo que, ao fim do 2.º ano, o aluno passe a exprimir-se com desembaraço e relativa correção.

O quadro-negro deve ser muito usado para o trabalho de composição escrita. Frases a respeito de uma gravura, pequenas narrativas de histórias ou de acontecimentos, como passeios ou excursões; bilhetes motivados por qualquer incidente da classe, pequenos relatórios a respeito de um plano ou projeto, organizados após um trabalho preparatório, serão escritos no quadro e copiados pelos alunos. A avaliação de qualquer trabalho será feita sempre em caráter construtivo, com a participação dos alunos. O professor procurará incutir nas crianças o hábito de fazer seus trabalhos da melhor maneira de que sejam capazes, levando-os assim a executá-los cuidadosamente e a relê-los sempre antes de dá-los por prontos.

c) Prática do ensino.

### I — ASSUNTOS PARA NARRATIVAS

1) *Conhecimento pessoal do aluno*: brinquedos, animais domésticos, gravuras, trabalhos domésticos, aniversários, dias feriados, férias, passeios, cinemas, circos, etc.

Excursões: museu, parque, praia, feira, mercado, estações de estradas de ferro, oficinas, fábricas, etc.

Tempo: chuvas, vento, sol, estações, etc.

A rua: meios de transportes, tipos de vendedores ambulantes, jornaleiros, amolador, carregadores, vagabundos, etc.

Conversas ao telefone, brinquedos de imitação: dona de casa, médico, dentista, professor, etc. Prática de diálogos.

Conselhos higiênicos sôbre: alimentos, asseio, banho, limpeza de dentes e de unhas, uso de lenço, etc., sono, descanso.

2) *Histórias* (para reproduzir, criticar ou apreciar, dramatizar).

3) *Poesias*.

4) *Civilidade* (expressões de polidez aconselhadas no 1.º ano).

5) *Figuras e quadros murais* (para enumerar, descrever, interpretar).

6) *Provérbios, máximas, charadas*.

7) *Outras disciplinas do programa*.

## II – JOGOS

Além dos aconselhados para o 1.º ano lembramos aqui os seguintes:

1) *O mercado de Carandaí*.

Forma-se uma roda na classe. Um aluno começa atirando um lenço a um companheiro e dizendo: — Fui ao mercado de Carandaí e comprei... O que recebeu o lenço completará a frase, respondendo “café” ou outra palavra qualquer começada por *c*, primeira letra de — Carandaí — e por sua vez atirárá o lenço a um 3.º, repetindo a frase, a que êste responderá com uma palavra começada pela letra *a*, e assim por diante até que tôdas as letras do nome Carandaí se tenham esgotado. Quem errar ou demorar a responder pagará prenda.

Na repetição do jôgo empregue-se o nome de outra cidade, o qual deve ficar escrito no quadro-negro para que os alunos possam seguir a seqüência das letras.

2) *A sociedade*.

Afasta-se da sala a criança que deverá adivinhar.

Escolhe-se, então, uma qualidade: alegre, por ex. Chama-se a criança afastada: quando entrar na sala, tôda a classe deve estar em atitude alegre, rindo. O aluno procura adivinhar a palavra escolhida. Se fôr escolhida a palavra “estudioso” os alunos devem estar uns lendo, outros tomando notas, outros consultando livros de referência ou dicionários; o aspecto da classe representará sempre a idéia do qualificativo escolhido.

d) *Mínimo que se deve alcançar*.

Ao fim do 2.º ano a criança deve ser capaz de compor frases, de elaborar uma pequena redação, a respeito de qualquer assunto de seus conhecimentos pessoais; falar com boa entonação de voz; empregar letra maiúscula no princípio das frases e no nome de pessoas, de lugares e de meses; usar o ponto final, o de interrogação e o de admiração.

## TERCEIRO ANO

a) *Objetivos*.

1) Robustecer a facilidade de expressão, treinando o aluno no uso da linguagem simples e correta, habituando-o a falar com boa dição e entonação agradável; 2) habituá-lo a ouvir com atenção; 3) enriquecer-lhe o vocabulário; 4) eliminar alguns vícios de linguagem.

## b) Análise dos objetivos.

O exercício da composição nesta classe, embora revestindo ainda a forma oral, principia a ter maior desenvolvimento sob a forma escrita. As composições escritas serão sempre precedidas de uma preparação oral, na qual, além da troca de experiências, oferece ótima oportunidade para a correção da linguagem e a organização de sentenças mais amplas. Certos erros de concordância (número e pessoa) já irão sendo eliminados e os alunos serão levados a prestar mais atenção à forma, dispondo de diversas maneiras as frases apresentadas.

A variedade de assuntos, aumentada grandemente pelos conhecimentos de geografia, história, ciências, etc., permite, nesta classe, trabalho mais desenvolvido, que se traduzirá em narrativas de histórias e acontecimentos e de passeios e observações da classe, descrições de estampas e sumários de lições. As fábulas e histórias podem ser apresentadas como elementos novos para enriquecimento literário. Ao narrar uma história já poderão ser destacadas, além dos tópicos principais, as particularidades de maior interesse do enredo.

A composição do jornal da classe, o preparo de livrinhos a respeito de planos, estudos e trabalhos que estejam sendo feitos e o diário dos acontecimentos da classe oferecem oportunidades excelentes para o exercício da composição.

A necessidade de comunicação, o desejo e as oportunidades de participar do trabalho das outras classes são mais sensíveis. As cartas terão, por isso, maior desenvolvimento e versarão sobre acontecimentos mais interessantes, como a ausência de um colega, ou serão escritas de acordo com uma necessidade real qual seja a de fazer aceitar ou recusar convites, pedir ou enviar informações ou livros, etc. O intercâmbio escolar será, então, intensificado.

As melhores composições serão objeto de apreciação da classe.

O professor não deve exigir longo trabalho escrito: algumas frases bem redigidas são exercício muito mais proveitoso de que trabalho extenso e confuso.

## c) Prática do ensino.

### I - ASSUNTOS

- 1) Os mesmos aconselhados para o 2.º ano.
- 2) *História e fábulas* (para reproduzir, apreciar, dramatizar).
- 3) *Poesias*.
- 4) *Civilidade* - As expressões de polidez já citadas e outros exercícios que visem à adaptação da criança à vida social, habituando-a a responder com urbanidade.
- 5) *Figuras e quadros murais* (para enumerar, descrever, interpretar).
- 6) *Provérbios, máximas, charadas*.
- 7) *Outras disciplinas do programa*.

### II - JOGOS

- 1) *Amigo ou amiga*.
- 2) *A viagem* - jogo indicado na parte de Leitura, 2.º ano - indicando o condutor do trem uma palavra, como preço da passagem e respondendo o passageiro com uma frase onde entre essa palavra, frase que, se estiver correta, lhe dará direito a seguir viagem.

## d) Mínimo que se deve alcançar.

Ao fim do 3.º ano a criança deve ser capaz de compor quatro ou cinco frases bem construídas em torno de um

pensamento central. Empregar a letra maiúscula nas ocasiões já citadas e em títulos, nomes de lugares (cidades), Estados, etc.; empregar, além da pontuação já pedida, os dois pontos no diálogo, a vírgula separando os termos de uma enumeração, abreviações tais como: Sr., Sra., etc.

## QUARTO ANO

### a) Objetivos.

1) Enriquecer a organização de frases; 2) despertar no aluno interesse pela expressão correta e clara do pensamento; 3) enriquecer-lhe o vocabulário; 4) interessá-lo pela eliminação dos erros de sua linguagem.

### b) Análise dos objetivos.

A composição, que nos anos anteriores era mais oral que escrita, a partir do 4.º ano passa a ser de preferência escrita. A criança, justamente porque foi levada a exprimir-se com clareza nas conversações da classe, é agora capaz de construir a frase corretamente. Por outro lado, a habilidade que adquiriu nos exercícios de escrita, os conhecimentos que ganhou na ortografia, na pontuação e no emprêgo de maiúsculas, libertam-na da preocupação pela técnica da escrita. Não sentindo mais as dificuldades, daí decorrentes, que a peavam, ela pode, com mais liberdade, exprimir melhor o pensamento. A leitura, mais desenvolvida nesta classe, explora campo mais vasto e apresenta-lhe modelos de formas corretas, que a criança não reproduz de memória, mas que é levada insensivelmente a imitar.

O trabalho passa a ser mais individualizado, porquanto a necessidade de cooperação já não é tão freqüente e, embora o assunto seja uniforme, cada exercício deve ser acentuada-

mente individual. Contudo, o trabalho coletivo deve visar à elaboração de um esquema, isto é, da relação de tópicos que serão desenvolvidos individualmente.

As oportunidades para os exercícios escritos são muito mais amplas, pelo desenvolvimento e riqueza do programa da classe: narração de fatos observados ou de ações praticadas, excursões, acontecimentos, etc., descrição de certos tipos, de lugares, de jogos, de figuras; resumo de observações do estudo da natureza ou de lições de história, geografia, literatura, etc., e um sem número de outros pontos de partida, que podem e devem ser aproveitados. O intercâmbio escolar terá muito maior desenvolvimento, porquanto mais numerosos são os motivos para troca de idéias e informações a respeito dos trabalhos da classe. Na correspondência da classe o professor deve familiarizar o aluno com várias formas de principiar, terminar e sobrescritar as cartas.

As respostas a respeito de tópicos lidos ou contados em classe são também muito recomendadas porque permitem exercitar a criança na boa ordem e estrutura. A reprodução de histórias ou de poesias não será empregada com a mesma freqüência, porque não conduz ao desenvolvimento da originalidade de expressão. Na composição feita à vista de gravuras, estas devem ser de preferência reprodução de quadros de bons autores para iniciar e favorecer a cultura de sentimentos artísticos.

O jornal ou revista já pode ter feição mais acentuadamente literária; também é de muito interesse o diário dos acontecimentos da classe. Diálogos para dramatização, organização de regulamentos de grêmios e de programas para festividades escolares, preparo de livros com informações a respeito dos estudos da natureza (flôres, animais, etc.) são outras tantas oportunidades para exercícios de composição.

Cada criança deve procurar eliminar os defeitos de sua linguagem, tendo para isso um caderninho especial onde possa anotar o número de vêzes que cometa cada êrro, a fim de acompanhar o seu próprio progresso.



c) Prática do ensino.

## I - ASSUNTOS

1) *Acontecimentos e trabalhos de casa*: festas, reuniões, cerimônias, visitas, brincadeiras, trabalhos domésticos, cuidados com os irmãos menores e com os animais domésticos; passeios: de automóvel, a parques, a praias, a cidades próximas do Rio, excursões educativas e outras; divertimentos de acôrdo com a época do ano: S. João, Natal, férias etc.; ocorrências de rua: incêndios, paradas, feiras, assistência, bombeiros, etc.; vida da escola: jogos, cânticos, assembléias e reuniões, provas, solenidades, etc.; atividades de caráter social: escotismo, copo de leite, merenda escolar, atas de reuniões, programas, etc.

2) *História e fábulas* (apreciar, reproduzir e dramatizar).

3) *Poesias*.

4) *Civilidade* - Procedimento correto em casa, na escola, na sociedade: respeito aos mais velhos, aos pais e às autoridades.

5) *Figuras e quadros* (descrever e interpretar).

6) *Aplicação de exercícios de linguagem* - oral e escrita - no desenvolvimento de projetos dos diversos programas do curso.

## II - JOGOS

Organizar jogos em que, feita uma pergunta, o aluno tenha de dar determinada resposta, podendo então acontecer que venha a incidir em erros tais como: "falar consigo", "para mim fazer", "eu não pòide", etc. Assim, por ex., perguntar-se-á: - Com quem você quer falar? - de modo que o aluno responda: quero falar (com você, com o Sr.).

d) Mínimo que se deve alcançar.

O aluno no fim do 4.º ano deve ser capaz de: escrever uma carta com pontuação correta principiando e terminando nas formas de estilo e com ênderêço; escrever pequena narração de um fato, usar abreviações da linguagem corrente, como: kg, m, etc.

## QUINTO ANO

a) Objetivos.

1) Assegurar espontaneidade de expressão sob várias formas: falar, escrever, recitar, discutir, exprimir um desejo; 2) dar capacidade de falar durante dois ou três minutos com boa dição, entonação natural e sem gesticulação desnecessária; 3) assegurar o hábito de exprimir-se com facilidade, originalidade, coerência e correção; 4) despertar interesse pela eliminação de erros.

b) Análise dos objetivos.

Espontaneidade, facilidade e correção de linguagem obtêm-se pelo trabalho preparatório desenvolvido nos anos anteriores: a criança escreve bem porque se habitua a falar bem e não porque aprendeu isoladamente algumas regras de gramática. Se à criança tiver sido proporcionada ocasião de exprimir-se livre e espontâneamente e se todo exercício de composição houver sido feito em tôrno do que realmente a interesse, ela poderá escrever com clareza e correção porque terá sido habituada a dizer o que pensa e a pensar naquilo que diz. A sinceridade na maneira de escrever será então a sua dominante.

Os trabalhos diários da classe e do lar permitem várias espécies de composição; narração, enumeração, descrição, exposição e definições e bem assim correspondência epistolar, relatórios e resumos, envolvendo assuntos tirados de história, geografia, ciência ou matemática.

A correspondência terá incremento especial, devendo os alunos escrever, sempre movidos por interesse real, cartas familiares, cerimoniais, a respeito de negócios, etc.

O intercâmbio escolar com alunos de outras escolas e de outros Estados e países virá proporcionar a oportunidade necessária a esse exercício.

A composição livre, isto é, sem assunto determinado pelo professor e em prosa ou verso, deve ser incentivada, podendo cada aluno escrever sobre temas à sua vontade.

O professor deverá desenvolver na composição escrita os seguintes princípios: *a)* seqüência lógica das frases; *b)* emprego correto de conectivos e outras palavras de redação; *c)* subordinação apropriada às idéias principais; *d)* forma da frase; *e)* clareza na exposição, boa escolha das palavras, paragrafação adequada; boa disposição do trabalho.

Os vícios de linguagem mais freqüentes na maneira de escrever das crianças são: falta de unidade de pensamento, combinando duas ou mais idéias que não são correlatas na mesma frase; dispersão do pensamento, distribuindo por duas ou mais frases o que devia ser feito em uma sómente; disjunção do pensamento separando a unidade em duas frases diversas; errada coordenação, e isto se dá pelo desconhecimento do valor das palavras nas frases.

A avaliação dos trabalhos deve ser feita de maneira construtiva, procurando o professor fazer surgir no espírito da criança a compreensão dos defeitos de seu modo de falar ou escrever, despertando-lhe intenso desejo de exprimir-se bem, levando-a a anotar os erros que comete, esforçando-se por eliminá-los e verificar os progressos conseguidos por esse meio. Sempre que possível, colocar em evidência, no quadro-negro, as formas corretas correspondentes ao tratamento escolhido para a carta.

## c) Prática do ensino.

### I - ASSUNTOS

Acontecimentos diários, jogos e brinquedos, tópicos de geografia, história, artes, ciências, trabalhos, desenho, dramatizações, literatura (prosa e verso), histórias e fábulas; máximas e provérbios, preceitos de civilidade e polidez.

### II - JOGOS

- 1) *Jogos de provérbios e charadas.*
- 2) *Rimas.* — A criança que começa o jogo escolhe uma palavra, pão, por exemplo, e diz às companheiras:  
— Tenho uma palavra que rima com "coração"...

As outras procuram adivinhar, perguntando por exemplo:

— É um animal?

A primeira responderá:

— Não, não é um leão...

— É um objeto de cozinha? perguntará outra.

— Não, não é um fogão.

E assim prossegue o jogo, até que uma pergunte:

— É um alimento?

— Sim, responderá a que começou o jogo, é um pão.

A que adivinhou fará, por sua vez, adivinhar uma outra palavra.

- 3) *Organizam-se duas listas em que figurem frases, uma com sentido completo e outras não.*

Divide-se a classe em dois grupos, com um chefe para cada um. O chefe lê uma frase, dirigindo-se a um aluno de

seu grupo; se houver sentido completo o aluno responderá: "completo"; se não formará uma frase com as palavras dadas.

Cada resposta certa valerá um ponto. Exemplos:

- 1.º A primavera vem após o inverno.
- 2.º O vento soprando com fôrça.
- 3.º A água do mar em movimento.
- 4.º Os tubarões seguem os navios ao sair dos portos.

d) Mínimo que se deve alcançar.

Ao fim do 5.º ano a criança deve saber usar o dicionário para escolha de sinônimos e para procurar significados; pontuar e empregar as maiúsculas convenientemente; escrever cartas e requerimentos; saber explicar como se faz um jôgo, um bôlo, etc.; fazer narrações e descrições de fatos da vida diária.

## QUINTA SEÇÃO

### GRAMÁTICA (1)

---

a) Objetivos.

- 1) Tornar a criança sensível às incorreções de linguagem; 2) despertar-lhe o desejo de falar e de escrever corretamente; 3) torná-la capaz de descobrir os próprios erros; 4) fazer que o uso continuado da forma correta se transforme em hábito; 5) torná-la capaz de sentir a função das palavras na frase e o número de fatos de um período, de um parágrafo; 6) levá-la a sentir o valor dos conectivos.

b) Análise dos objetivos.

É fora de dúvida que a gramática estudada como organismo à parte, como conjunto de regras e princípios não terá resultado prático; sobrecarregará inútilmente a memória da criança, pois, no momento em que ela quiser falar, a forma apropriada, assim aprendida, não lhe acudirá à mente. Por outro lado, entretanto, é necessário dar certa sistematização ao ensino da língua, para que a criança, conhecendo as razões de certos fatos, observando certas afinidades e conexões, mais firmemente retenha as noções que adquiriu praticamente.

(1) Vide Bibliografia: Educação em geral, Linguagem em geral e Gramática.

Tal sistematização não deverá ser iniciada muito cedo porque:

1) só pode ser benéfica quando venha após o conhecimento prático e não antes dele; 2) sendo um conjunto de idéias abstratas (regras, definições, classificações) só poderá ser convenientemente assimilada quando a criança tenha chegado ao grau de maturidade que lhe permita fazer certas abstrações, isto é, somente no 4.º e 5.º anos.

### c) Prática do ensino.

## I — ASSUNTOS

### Noções de gramática.

PRIMEIRO ANO — Proporcionar às crianças oportunidade de falar.

SEGUNDO ANO — Número de fatos de uma sentença. Funções das partes essenciais de uma sentença: verbo, nomes e qualidades. Gênero. Número (um e mais de um).

### Antônimos e sinônimos

TERCEIRO ANO — O mesmo assunto do ano anterior, ampliado o estudo de nomes, qualidades e ações. Conjugação, nos tempos simples do Indicativo, de verbos de uso muito comum. Gênero e número. Fazer observar nas frases a função de certas palavras que indicam lugar, tempo e modo. Palavras que indiquem lugar, tempo e modo. Antônimos e sinônimos. Pronomes pessoais. Famílias de palavras. Coletivos comuns à nossa linguagem.

QUARTO ANO — Continuação do estudo da frase e das palavras que a formam: Observar nas sentenças — a importância dos conectivos. Substantivo. Adjetivo. Pronome.

Verbos regulares. Advérbios. Antônimos, homônimos e parônimos. Sujeito, predicado, objeto direto. Derivação e composição (principais prefixos). Concordância (substantivo e adjetivo, sujeito e verbo). Vocabulário.

QUINTO ANO — Continuação do programa anterior. Oração principal, coordenadas e subordinadas (sem classificação). Palavras variáveis e invariáveis. Advérbio, preposição, conjunção e interjeição. Verbos irregulares. Sujeito, predicado, objetos e adjuntos. Enriquecimento do vocabulário: derivação e composição de palavras; antônimos e sinônimos coletivos.

## TIPOS DE ERROS PARA CORRIGIR

PROSÓDIA — não pronunciar o *r* e o *s* finais; não pronunciar o *i* no ditongo *ei*, e o *u* no ditongo *ou*; *mantêga* por *man-teiga*, *besôro* por *besouro* trocar o *l* pelo *r* ou *u*: *quarquer*, por qualquer, *animau* por animal, *miu* por mil; *perca* em vez de *perda*; *mal-criação* por má-criação; *malhor* por maior; *trusse* por trouxe; *perferir*, *perciso*, *adevogado*, *abissoluto*, *familha*, *demonho*, *sastifação*, etc.

COMPARATIVO — *mais maior*, *mais grande*, *mais superior*, *mais inferior*.

TEMPO DE VERBO — se eu *ver*.

CASO DO PRONOME — para *mim* fazer.

TRATAMENTO — eu *te* dei para *você*; eu *te* trago *seu* livro; *a gente* fomos, etc.

VERBO *preferir* — prefiro *mais*, prefiro *muito mais*, prefiro *do que*.

PREPOSIÇÃO — sentar-se *na* mesa, por sentar-se *à* mesa: *ir na* cidade; *pedir para* em vez de *pedir que* (1).

(1) Isto é, quando o objeto direto exigido pelo verbo *pedir* não esteja explícito, como em "Pego licença para sair" nem implícito, como em "Pego para os pobres" (isto é, "peço esmola para os pobres"), "Pego para falar" (isto é, "peço licença, permissão, vênia, etc. para falar").

EXPRESSÕES — eu *peguei* e disse; eu *fui* e disse *assim*; e *aí*, e *então*; de *maneiras* que, de *formas* que.

PLEONASMOS — subir para cima, sair para fora.

## II — MÉTODO

De acôrdo com essa orientação, o ensino de gramática deve ser feito em duas fases principais: 1.<sup>a</sup>) conhecimento dos fatos gramaticais *praticamente*, por meio de conversa, leitura, variada exemplificação, exercícios e jogos, sem nomenclatura especial, nem definições, nem regras, nem classificações; 2.<sup>a</sup>) dedução, pelos próprios alunos, das regras, definições e classificações principais, de acôrdo com os conhecimentos que tenham adquirido e com que estejam perfeitamente familiarizados.

A medida que forem sendo reconhecidas, segundo o processo já explanado, as diversas funções das palavras, irão os próprios alunos achando as denominações que lhes devam dar, enquanto a comparação que naturalmente se vai estabelecendo entre tais funções, irá trazendo por si mesma a classificação.

Já então os alunos terão perfeitamente assimilado as noções e as definições serão por eles mesmos formuladas, em decorrência do perfeito conhecimento do assunto.

A circunstância de fazer-se que os alunos conheçam as denominações dadas às palavras depois de lhes reconhecerem e compreenderem a função, estabelece facilmente o conceito de que a nomenclatura usada não é arbitrária e sim de acôrdo com a função exercida pela palavra. Daí, pela comparação de funções diversas, chegar-se-á ao conceito importante de que as palavras não pertencem rigidamente a determinada categoria gramatical, mas que podem receber esta ou aquela denominação, conforme a função que estejam desempenhando no momento. Regras de concordâncias e ordem podem ser achadas pelo mesmo processo, de modo que a gramática seja perfeitamente compreendida e facilmente assimilada pelos

alunos, por isso que por eles mesmos estará sendo descoberta e organizada.

Seguir-se-á dêsse modo a marcha natural de formação, segundo a qual a gramática é a consignação dos fatos da língua, ao invés de dar-se à criança a noção errônea de ser a língua feita pela gramática.

O meio de ensinar a falar corretamente é, por excelência, o exemplo oral ou escrito. Como, entretanto, não é possível conseguir que a criança só ouça linguagem correta e só leia coisas bem escritas, é preciso não só, propriamente, ensinar a falar bem; mas, ainda, ensinar a não falar mal, isto é, empregar um esforço didático bem determinado para corrigir os erros encontrados.

Para isso não basta corrigir o erro: melhor ainda será evitá-lo.

E, seja para evitar, seja para corrigir, o primeiro passo é formar na criança uma atitude de espírito favorável a êsse trabalho. Tal atitude compreende essencialmente:

- a) compreensão de que há boa e má linguagem, isto é, palavras e expressões certas e palavras e expressões erradas;
- b) desejo de empregar as formas corretas, traduzido em disposição para buscá-las nas boas fontes (boa exposição e boa leitura) e para corrigir-se dos erros adquiridos, reconhecendo-os e evitando-os até eliminá-los.

Como o melhor modo de corrigir um hábito é substituí-lo por outro, deve o professor levar o aluno a adquirir o hábito de falar corretamente. Tal aquisição se faz inicialmente pelo ouvido, pois que fala bem a criança habituada a ouvir falar bem; a essa influência se acrescentará a da leitura e da composição oral e escrita.

Para a formação do hábito de falar corretamente deve o professor: criar no espírito do aluno o desejo da emenda

fazendo-o concentrar a atenção em seus erros mais frisantes até vencê-los completamente e auxiliá-lo a usar conscientemente as formas corretas de linguagem até que se tornem automáticas.

O professor nas primeiras semanas de aula deverá dirigir o assunto de suas conversações para as coisas familiares à criança, a fim de conseguir que os alunos falem livremente. Nessas palestras éle deverá anotar cuidadosamente, sob títulos, os erros freqüentemente cometidos na classe, tais como — erros de concordância, má pronúncia, expressões incorretas, termos de gíria, etc.

Dentre os erros observados éle escolherá um pequeno grupo e procurará eliminá-los durante determinado período, evitando difundir seu esforço de correção por muitos, que não seria possível fazer desaparecer ao mesmo tempo. Quando cerca de 75% da classe não cometer mais tais erros, o professor escolherá outro grupo para o mesmo fim.

A repetição variada de exercícios e jogos completará o esforço dos alunos para a diminuição dos erros, esforço que tanto mais profícuo será quanto maior fôr a colaboração de mestre e alunos nesse sentido.

### III — EXERCÍCIOS E JOGOS

#### 1) Exercícios para aquisição de noções gramaticais:

PRIMEIRO ANO — Associar palavras sob vários critérios, organizando as crianças coleções de palavras que:

- a) comecem ou terminem pela mesma sílaba;
- b) comecem ou terminem pela mesma letra;
- c) indiquem nomes de animais, plantas, pessoas, coisas, etc.
- d) designem qualidades desses nomes.

SEGUNDO ANO — 1) Reconhecer o número de fatos de uma frase.. Separar êsses fatos; 2) Associar palavras sob vários critérios, organizando as crianças listas de palavras que:

- a) terminem da mesma maneira (ade, ão, etc.);
- b) indiquem nomes de coisas;
- c) descrevam qualidade (de animal, coisa, etc.);
- d) designem ações;
- e) exprimem o mesmo e o contrário;
- f) demonstrem o gênero;
- g) indiquem um e mais de um.

TERCEIRO ANO — 1) Reconhecer o número de fatos de uma frase ou período; 2) Reconhecer a função das palavras na frase; 3) Associar palavras sob vários critérios:

- a) empregando sufixos e prefixos mais usados;
- b) organizando famílias de palavras;
- c) separando, em grupos, palavras de uma, duas, três e mais sílabas;
- d) agrupando palavras que formem o plural regular e irregularmente;
- e) agrupando antônimos e sinônimos de nomes, qualidades e ações;
- f) colecionando palavras e expressões que exprimam como, onde e quando.

4) Usar, em frases, verbos regulares e os irregulares mais comuns (nos tempos simples e indicativo).

#### 2) Exercícios para utilizar a colaboração dos alunos na correção de erros:

1) Fazer uma lista das formas corretas, correspondendo aos erros mais comuns e entregá-la ao aluno para que a consulte em caso de dúvida.

II) Fazer com que os alunos tomem nota, num caderninho, do número de erros cometidos em determinado dia a propósito de certo exercício e, dias depois, quando fôr dado um exercício congênere, levá-los a comparar o número de erros com os do dia anterior. Acompanhando assim seu próprio progresso o aluno se interessará mais pela correção da linguagem e terá, na diminuição de falhas, motivo de justo orgulho.

III) Quando fôr dada uma carta, mandar um aluno escrever no quadro uma lista de possessivos e variações pronominais adequadas ao tratamento escolhido, para evitar erros de tratamento.

IV) Pode-se instituir também a "caixa do correio" da classe: sempre que um aluno falar erradamente, quem o notar lhe escreverá um bilhete e o colocará na caixa. O professor também pode escrever o seu bilhete. Tôda semana, ou de 15 em 15 dias, a caixa será aberta e o conteúdo entregue aos destinatários. Assim os alunos registrarão mais uma forma correta na lista ou a assinalarão com um traço se já estiver incluída. Os bilhetes serão assinados, para que os alunos se habituem a arcar com a responsabilidade do que fazem e do que dizem.

O professor deverá fazer exercícios especiais e individuais para que o aluno domine certos erros mais rebeldes.

V) Pode o aluno, já ciente da forma correta, dar uma frase para o colega corrigir. Se êste não acertar, êle a ensinará. Dêsse modo se estabelecerá o hábito de observar os erros e de zelar pela própria linguagem.

VI) *Ditado* — Ditado das frases ou palavras aprendidas na semana: o professor pronuncia a palavra, escreve-a no quadro-negro, pede aos alunos que a leiam atentamente e apaga-a. Os alunos então a escreverão de cor. Quando houver êrro, o professor a escreverá novamente no quadro e as crianças a copiarão.

### 3) Jogos:

I) *A travessia do rio* (para antônimos e sinônimos — 2.º e 3.º ANOS) — Formam-se dois partidos: um fica em frente ao outro, em duas fileiras, mantendo entre si um espaço, que é o rio. Escolhem-se 7 ou 8 alunos para "pedras" do rio. Cada pedra escolhe uma palavra: branco, bonito, estudioso, velho, etc. Dado o sinal de partida, uma criança tenta atravessar o rio. Chegando a uma "pedra", esta lhe dirá o nome que escolheu: o viajante deve, imediatamente, dizer o antônimo ou sinônimo. Se errar não poderá atravessar o rio. O partido que contar maior número de vencedores ganhará. Êste jôgo pode ser usado também para singular e plural, masculino e feminino, etc.

II) *Derivados* (para 3.º, 4.º e 5.º ANOS). Divide-se a classe em dois partidos e escolhe-se um aluno para chefe (ou o professor o será). Cada jogador fica com um lápis e uma folha de papel dobrada em quatro partes iguais. Em cada uma dessas partes os alunos desenham um tronco de árvore com dois ou três galhos. O chefe fica com um papel onde escreve quatro palavras primitivas (raízes). Ex.: livro, pedra, casa, jornal. O chefe lê para os colegas essas quatro palavras, uma a uma, fazendo entre elas uma pausa de  $\frac{1}{2}$  ou 1 minuto. À medida que se faz a leitura os jogadores escrevem a palavra lida em um tronco e os derivados nos respectivos galhos, ficando assim um tronco para cada palavra. Para julgamento o chefe relê as palavras escolhidas e os alunos lêem as que escreveram. O professor auxiliará o julgamento. (Cada tronco sem êrro obtém três pontos).

III) *Homônimos* (4.º e 5.º ANOS). Escolhem-se tiras de papel ou de cartolina de duas côres para distinguir os dois partidos em que se divide a classe. Cada aluno recebe uma tira onde estão escritas oito frases, em cada uma das quais há um espaço em branco, reservado ao homônimo. Os homônimos que se trata de aplicar estão escritos no alto da

fôlha. Os alunos copiam no caderno as sentenças e preenchem os espaços em branco. Ex.:

*nós e noz.*

- 1.º) Vi uma... sôbre a mesa. 2.º) Para... a lição foi muito curta. 3.º) Poderemos... embarcar amanhã? 4.º) Aquela... é de Maria.

*Sexto, cêsto.*

- 1.º João carrega uma... de uvas. 2.º) Maria é a... aluna na forma. 3.º) O gato dorme no... 4.º) Meu... ano será de bonitas notas.

O chefe de cada grupo corrige de acôrdo com as respostas que estão em tiras separadas ou serão escritas no quadro-negro.

Vencerá o partido que contar maior número de papéis certos.

- IV) *A viagem.* — Aplicar à conjunção de verbos o jôgo — A travessia do rio — indicado para o 3.º ano.

#### IV — TESTES

##### QUINTO ANO.

Charada — Dar os homônimos que significam:

- |                                       |             |
|---------------------------------------|-------------|
| 1) nota de música e lugar             | ( .. e .. ) |
| 2) corda de instrumento e parenta     | ( .. e .. ) |
| 3) trabalho à noite e futuro de verbo | ( .. e .. ) |
| 4) extremidade de navio e criminoso   | ( .. e .. ) |

Homônimos que poderão ser dados em testes como *êsse*; *passo* e *paço*; *houve* e *ouve*; *cela* e *sela*; *há* e *à*; *secretária* e *secretaria*; *corte* e *côrte*; *clínica* e *clinica*; *sírio* e *círio*.

#### d) Mínimo que se deve alcançar.

1.º, 2.º E 3.º ANOS — No fim de cada um dêstes anos deve o aluno satisfazer aos seguintes requisitos de acôrdo, respectivamente, com os assuntos indicados em: *c*) — Prática do ensino — e com a orientação indicada em: *b*) — Análise dêsses objetivos:

- destacar os fatos de uma frase, reconhecer palavras que representem nome, qualidade ou ação e os pronomes pessoais, de acôrdo com as funções que representam na frase;
- passar palavras de um gênero ou número para outro (plural; caso geral, plural das palavras terminadas em *ão* e das palavras terminadas em *r*, *l* e *s*);
- dar sinônimos e antônimos (palavras muito comuns);
- conhecer a significação de alguns coletivos mais comuns;
- usar verbos regulares nos tempos simples do modo indicativo.

4.º E 5.º ANOS — No fim de cada um dêstes anos deve o aluno satisfazer aos seguintes requisitos (de acôrdo com os assuntos indicados em: *c*) — Prática do ensino — e com a orientação indicada em: *b*) — Análise dêsses objetivos):

- conhecer as diversas categorias de palavras variáveis (adjetivos e pronomes indefinidos, apenas os mais comumente usados), estudando suas respectivas funções nas frases;
- usar qualquer tempo de verbo, conhecendo os principais tipos de verbo, aparentemente irregulares e defectivos;
- conhecer alguns prefixos e sufixos dos mais comumente usados e algumas famílias de palavras;



- d) reconhecer os fatos de uma oração de forma simples: sujeito, predicado, objeto direto e indireto, adjuntos (sem diferenciação de espécie);
- e) destacar, entre os diversos fatos de um mesmo período, as palavras que servem de conectivos e as que exprimem relações de tempo, lugar e modo. Observar a sua invariabilidade.
- f) conhecer alguns sinônimos (com diferenciação de sentido) antônimos, homônimos e parônimos.

## SEXTA SEÇÃO

### BIBLIOTECAS (1)

---

#### a) Considerações gerais.

As bibliotecas escolares podem ser atribuídas três finalidades principais:

- a) elemento de informação (e, pois, de auxílio ao estudo);
- b) meio de despertar, desenvolver e manter o gosto da literatura e da boa linguagem;
- c) meio de aperfeiçoar a leitura.

Dentro dêsse quadro geral as bibliotecas ainda agem como instrumentos educativos particularizados, que podem desenvolver:

- 1) o sentido de ordem, de asseio, de economia, obtido pelo trato cuidadoso dos livros, arrumação, catalogação, etc.;
- 2) o hábito de observação cuidadosa, de atenção e de justeza de ação desenvolvido pela procura dos livros de acôrdo com o catálogo, pelas pesquisas realizadas para obtenção das informações de que se precisa, etc.;
- 3) o espírito de cooperação, desenvolvido pela própria constituição da biblioteca e seu funcionamento, pelo modo por que os trabalhos aí são realizados, etc.

(1) Vide Bibliografia: Educação em geral, Linguagem em geral e Literatura e Bibliotecas.

4) o respeito à liberdade e ao trabalho dos outros, pela necessidade do silêncio e de ordem na biblioteca.

Na escola pode haver duas espécies de bibliotecas: a da escola e a da classe.

## b) Biblioteca da escola.

### I - ORGANIZAÇÃO

A biblioteca da escola deve ocupar sala especial, tanto quanto possível ampla, convenientemente iluminada, arrumada e ornamentada com gosto, de modo que constitua ambiente agradável, onde as crianças se sintam à vontade, se sintam no que é seu.

Atendendo ao valor da colaboração e ao gosto que desperta aquilo que a própria pessoa faz, será de toda vantagem que a biblioteca seja arrumada, organizada e ornamentada pelos alunos e com contribuições suas, isto é, com objetos que eles próprios tragam ou, melhor ainda, por eles mesmos feitos.

Em volta da sala ficarão as estantes, envidraçadas ou não, conforme as possibilidades da escola e, se possível, embutidas nas paredes e não muito altas. Se salientes, sobre elas poder-se-ão colocar vasos e objetos diversos, úteis ou de adorno, de preferência executados pelos próprios alunos (aulas de modelagem, trabalhos, etc.).

Nas prateleiras mais baixas serão colocados os livros que sirvam aos primeiros anos e nas mais altas os dos anos mais adiantados.

Além das estantes poderá haver armários para guarda de álbuns e estampas, fichários, etc.

No centro haverá mesas, próprias para leitura, de duas alturas pelo menos, para servir a crianças de diverso desenvolvimento físico. Cadeiras em torno das mesas, não sendo

necessário, porém, grande quantidade, uma vez que será permitido às crianças sentarem-se livremente pelo chão.

Em estantes, prateleiras, mostruários ou pequenas mesas, ficarão em desordem aparente alguns livros, álbuns e revistas, principalmente os que tenham figuras coloridas, para atrair a atenção dos alunos mais novos, que estão começando a ler ou que ainda não lêem.

Nas paredes haverá quadros, painéis, frisas; alguns serão reprodução de obras de arte, como meio de educação do gosto, outros poderão representar personalidades notáveis ou fatos históricos interessantes; outros, finalmente, serão trabalhos dos próprios alunos e, tanto quanto possível, das diversas classes da escola. Estes poderão ser escolhidos em concurso pelos alunos de cada classe, respectivamente, e serão substituídos de quando em quando.

Para tornar mais cômodo e eficiente o uso dos livros, há uma série de pequenos móveis e objetos que poderão ser empregados, tais como pequenas estantes para livros grandes, que serão lidos de pé, classificadores, etc., etc.

Um professor será encarregado da biblioteca. Em escolas grandes, deverá incumbir-se unicamente desse serviço, isto é, não deverá ter turma. Sua função será cuidar, por todas as maneiras, da biblioteca, enriquecê-la e aperfeiçoá-la e fazê-la preencher da melhor maneira suas finalidades.

O bibliotecário deve ter como incumbência:

- a) guardar e arrumar os livros e distribuí-los por assunto e de acordo com as classes que os devam consultar;
- b) organizar o catálogo;
- c) ensinar a boa maneira de tratar os livros, de utilizar-se deles para encontrar as informações desejadas, de servir-se do catálogo;
- d) fazer que os alunos adquiram hábitos de silêncio e recolhimento, para melhor eficiência de sua leitura e possibilidade da leitura dos outros, levando-os,

dêsse modo, a compreender a necessidade de cada um respeitar o sossego e, portanto, a liberdade dos outros;

- e) guiar os alunos na leitura e pesquisas que pretendam fazer, indicando-lhes as fontes de informação adequadas, sem entretanto, lhes tolher a iniciativa e a liberdade de escolha necessárias;
- f) procurar desenvolver de todos os modos o gosto pela leitura e o amor ao livro, pela escolha cuidadosa dos que devem compor a biblioteca, pelo modo de apresentá-los às crianças, pela organização de concurso e inquéritos, pela narração de histórias, etc.
- g) fazer a estatística dos livros lidos, dos exemplares mais freqüentemente consultados e dos livros de preferência das crianças;
- h) adquirir livros novos, assinar revistas e procurar obter doações que enriqueçam a biblioteca;
- i) organizar e dirigir o serviço de retirada e empréstimo.

O bibliotecário disporá de um grupo de alunos-auxiliares que se incumbam de todos os serviços ao seu alcance, sem prejuízo dos trabalhos de classe e de modo que tais funções sejam para eles verdadeiramente educativas.

## II - UTILIZAÇÃO DOS LIVROS

O uso dos livros da biblioteca deve fazer-se de três modos: na biblioteca, na sala de aula e em casa do aluno. Cada uma dessas modalidades tem sua função específica.

A utilização em casa do aluno terá principalmente a finalidade de incrementar o gosto pela leitura; como o aluno não terá assistência do professor, os livros naturalmente indicados para isso serão os de literatura, se bem que os didá-

gicos também possam ser utilizados, como fonte de informação, em trabalho que possa ser feito pelo aluno, por si só.

A utilização na sala de aula serve, justamente ao contrário, para os casos em que há intervenção ou assistência do professor, ou para os que demandam ação coletiva dos alunos. Os livros vêm então à classe para servir às lições de momento, para exemplificações e citações que o professor queira fazer, para leitura coletiva, etc., etc. Essa função fica consideravelmente atenuada quando existe biblioteca da classe.

A utilização dos livros na biblioteca pode ser feita nas mesmas condições indicadas nos dois parágrafos anteriores, isto é, individual ou coletivamente e com ou sem assistência do professor conforme o caso. Essas não são, portanto, funções específicas.

Das funções específicas do trabalho na biblioteca, deve-se destacar, em primeiro lugar, a influência do ambiente. A biblioteca é um lugar de ordem, de calma, de recolhimento e de beleza. Na escola é quase um santuário onde o espírito repousa, entre emoções estéticas de suavidade. Seu simples aspecto é um ensinamento e, pois, incitamento à ordem e à calma necessárias à expansão e aperfeiçoamento da intelectualidade. Ambiente agradável, de ordem sem vetustez, de alegria sem ruído, de atividade sem balbúrdia, ambiente disciplinador e educativo por excelência.

Aí os alunos têm noções práticas de ordem, aí encontram uma demonstração evidente do valor da colaboração. Aí eles se sentem atraídos pelas figuras interessantes, pelas encadernações artísticas e passam insensivelmente dessa exterioridade cativante para o sentido interno, para o prazer das leituras divertidas e para a utilidade das informações bem ministradas. Tomam-se de gosto, tomam-se de amor ao livro.

Os pequeninos, que não sabem ler, encontram nas estampas encanto maravilhoso que aliam ao interesse das histórias que ouvem, despertando-se-lhes de tal sorte no espírito o desejo de penetrar por si mesmos no sentido misterioso dos sinais gráficos. Esse desejo vai fazer que considerem a lei-

tura como um gôzo ambicionado e vai levá-los a querer ler, a pedir que lhes ensinem a ler.

Os maiores, os que sabem ler, encontram aí ocasião para exercitar e fortificar o gôsto pelo livro, adquirindo assim hábitos definitivos de leitura e de meditação.

Na biblioteca, ainda, têm os alunos ocasião de fazer aprendizagens particulares, quais as de:

- a) lidar com os livros, com a preocupação de poupá-los e conservá-los (mãos limpas, abrir o livro sem forçar a encadernação, voltar as páginas sem amassá-las ou rasgá-las);
- b) utilizar-se do catálogo e saber encontrar os livros de que necessitem;
- c) utilizar-se dos índices, sumários e outras indicações para encontrar a informação de que estão precisando.

Além da utilização dos livros pròpriamente, a biblioteca poderá servir como local para lições diversas, para leitura e narração de histórias, para reuniões e até mesmo como local para exibição de filmes, conforme as condições da escola, isto é, quando lhe falte certa aparelhagem que justifique a adaptação da biblioteca a êsses fins pelo fato de ser a maior e melhor sala da escola.

### c) Biblioteca da classe.

A biblioteca da classe deve compreender-se como extensão e particularização da biblioteca da escola.

Para ela são suficientes um armário ou algumas prateleiras.

Os livros serão os que a classe mais comumente se utilize. Serão os livros de todo dia, enquanto os da biblioteca são os de levar para casa, os de consulta menos freqüente. À biblioteca da escola os alunos irão uma ou algumas vêzes

por semana, porque é a de tôda a escola e tem de servir alternadamente às diferentes turmas. A biblioteca da classe é privativa, isto é, só serve a determinada classe e pode, portanto, ser usada a tôda hora.

Os livros da biblioteca da classe podem pertencer a esta ou provir da biblioteca geral, emprestados por certo tempo à classe.

À maneira de utilizá-los cabem os conceitos já expendidos a propóstito do uso dos livros em geral e, particularmente, a êsse uso na sala de aula.

### d) Biblioteca do aluno.

Uma forma interessante que se pode explorar na escola, vantajosa economicamente e útil como lição prática de colaboração, é a utilização dos livros particulares dos alunos, para leitura em aula ou mesmo em casa por meio de troca. O uso de livros de outrem reforçará então as noções de cuidado e respeito pelo livro e o número de volumes que se poderão ler ou consultar ficará consideravelmente acrescido, sem despesa para a escola.

### e) Escolha dos livros.

A escolha dos livros que devem constituir uma biblioteca é trabalho merecedor de grande consideração.

De modo geral podemos indicar duas categorias de livros: de informação ou didáticos, e de literatura. Como livros de informação ou didáticos classificaremos todos os que servem a ministrar noções, a auxiliar o trabalho de classe, a completar as observações dos alunos; nesse grupo ficam os livros de geografia, história, aritmética, álbuns diversos, revistas científicas, etc., etc. Como livros de literatura os que servem: a) para despertar o gôsto pela leitura (livros

de estampas, álbuns, livros de histórias, folhetos diversos com figuras, etc.); b) os que servem para aprendizagem e cultivo da leitura (livros de histórias, contos, seletas, romances, etc.) entrando nessa categoria as revistas e jornais.

Os livros de leitura recreativa, ou de literatura, devem ser agradáveis e interessantes, morais sem preocupação ostensiva de pregar moral, de forma literária a mais perfeita e mais bela possível, de acôrdo com o grau de mentalidade das crianças a que se destinem. As figuras, de preferência coloridas, devem ser cheias de vida, reais, bem desenhadas; são indispensáveis nos livros destinados aos primeiros anos e serão mesmo quase exclusivamente de figuras os que sirvam para os alunos que ainda não sabem ler. O assunto deve ser: contos de fadas, modernos e tradicionais, contos históricos, histórias humorísticas, enigmas, histórias de animais e fábulas, poesias, etc.

Entre os livros dessa espécie podem figurar para o 1.º ano: livros de figuras, com pequenos trechos de prosa ou verso (cantigas populares, quadrinhas, etc.) livros de histórias, folhetos diversos, cartilhas de higiene e outras dêsse gênero. Do 2.º ano em diante os livros serão francamente de leitura e progressivamente mais difíceis, aproximando-se gradualmente dos tipos de literatura para adultos.

Os livros didáticos, antes de mais nada, precisam ser certos e atualizados, ter a matéria exposta com clareza e método e de modo agradável e interessante, serem escritos em linguagem simples e correta.

A feitura material dos livros usados pelas crianças deveria ser ótima, dadas porém as dificuldades que isso acarreta para nós, teremos de contentar-nos com uma boa impressão tipográfica, isto é, sem erros e nítida, papel não transparente, linhas não muito juntas, tipo graúdo para as classes inferiores e gradativamente menor, até o normal, sem chegar nunca a ser muito miúdo.

## BIBLIOGRAFIA

### EDUCAÇÃO EM GERAL

- CAMPOS, (Maria dos Reis) — *Escola Moderna* — Estabelecimentos Gráficos Fernandes e Röhe — Rio.
- CLAPARÈDE, (Ed.) — *L'éducation Fonctionnelle* — Delachaux et Niestlé — Paris.
- DESCOEDRES, (Alice) — *L'éducation des Enfants Anormaux*.
- DEWEY, (John) — trad. de Anísio Teixeira — *Vida e Educação* — Companhia Melhoramentos de São Paulo.
- DEWEY, (John) trad. de Decroly — *Comment nous Pensons* — Ernest Flammarion, Paris.
- DEWEY, (John) trad. de Domingo Barnès — *La Escuela y la Sociedad* — Libreria Española y Extranjera — Madrid.
- DEWEY, (John) — trad. de L. Luzuriaga — *Las Escuelas de Mañana* — Libreria y Casa Editora Hernando — Madrid.
- Diretoria Geral de Instrução Pública do Estado de Minas Gerais — *Revista do Ensino* n.º 5 (Auditório).
- HAMAÏDE, (Amélie) — trad. e adaptação de Alcina T. Guerra — *O Método Decroly* — F. Briguiet — Rio.
- KASEFF, (Leoni) — *Educação dos Super-Normais* — J. R. de Oliveira & Cia. — Rio.
- KILPATRICK, (W. H.) — trad. de Noemy Silveira — *Educação para uma civilização em Mudança* — Companhia Melhoramentos de S. Paulo.
- KILPATRICK, (W. H.) — *Foundations of Method* — The Macmillan Company — New York.
- LOURENÇO FILHO — *Introdução ao Estudo da Escola Nova* — Companhia Melhoramentos de S. Paulo.
- NASCIMENTO, (Alba Cañizares) — *Prática de Pedagogia Social* — Alba — Oficinas Gráficas.
- VIANA, (Francisco) — *As Modernas Diretrizes no Ensino Primário* — Livraria Francisco Alves — Rio.
- TEIXEIRA, (Anísio) — *Educação Progressiva* — Companhia Editora Nacional.

## LINGUAGEM EM GERAL

- ALPERA, (Felix Marti) — *Como se ensina el idioma* — Capítulos VII e VIII.
- ALPERA, (Felix Marti) — *Metodologia del lenguaje* — Capítulos de Linguagem em geral.
- CARVALHO, (Félix) — *Teatrologia Infantil* — (Dramatização) — Renascença Editora — Rio.
- CLAPARÈDE, (Ed.) — *L'éducation Fonctionnelle* — págs. 209 e 255 — Delachaux et Niestlé, Paris.
- Ministerio de Educación Inglés — trad. de Luis Santullano y Fernando Sáinz — *Guias Didácticas*, I volume, matérias literárias — Publicação da Revista de Pedagogia, Madrid.
- Título dos trechos que interessam: II — Idioma; Responsabilidade de los maestros; Propósitos y métodos; El idioma hablado.
- National Society for the Study of Education — *The Twenty-Fourth Yearbook* — Public School Publishing Company, Bloomington, Illinois.
- PIAGET, (Jean) — *Le Langage et la Pensée Chez L'enfant* — Delachaux et Niestlé — Paris.
- TROMMER and REGAN — *Directing Language Power in the Elementary School* — The Macmillan Company, New York.
- WOODY, (Clifford) — *Problems in Elementary School Instruction* — Public School Publishing Company.

## LEITURA

- ALPERA, (Felix Marti) — *Como se Enseña el Idioma* — Capítulos III e V. American Education Press — *Dictionary — Picture Story Reading Lessons*. American Education Press — *My Progressive Book in Reading*.
- ANDERSON, (Charles J.) and ISOBEL DAVIDSON — *A Guide-Book in the Teaching of Reading* — Laurel Book Company.
- ANDERSON, (Gladys Lowe) — *La Lecture Silencieuse*. City of Baltimore — *English, Course of Study for Grades four, five and six* (Reading — para 3.º a 5.º ano).
- City of Baltimore — *Reading, Composition, Literature, Spelling, Hand-writing*, Course of Study for Kindergarten and Grades one, two and three (Reading — para 1.º a 3.º ano).
- Detroit Public Schools — *Silent Reading Exercises*.

- DORESTE, (Frederico) — *Metodologia de la Lectura y de la Escritura*.
- DOTTRENS, (Roberto) y EMILIA MARGAIRAZ — *El Aprendizaje de la Lectura por el metodo global* (Sentenciação).
- GATES, (Arthur S.) — *Interest and Ability in Reading* — The Macmillan Company, — New York.
- GRAY, (William S.) — *Improving Instruction in Reading* — The University of Chicago.
- HUEY — *Psychology of Reading*.
- JOVIANO, (A.) e COSTA SENNA — *O Método Analítico*. JOHN C. Winston Company — *The New Silent Readers*.
- KLAPPER, (Paul) — *Teaching Children to Read* — D. Appleton and Company, New York.
- LEONARD, (Sterling Andrus) — *Essential Principles of Teaching. — Reading and Literature in the Intermediate Grades and the High School* — J. B. Lipincott Company.
- McMURRY — *A Metodo for Teaching Primary Reading* — The Macmillan Company — New York.
- Ministério de Educación Inglés — trad. de Luis Santullano y Fernando Sáinz — *Guias Didácticas* — I volume, matérias literárias — Publicação da Revista de Pedagogia — Madrid.
- Título dos trechos que interessam: Lectura, I — Primeros grados. II — Los grados superiores, Lectura en alta voz — Lectura rapida y correcta (pgs. 77 a 90, pg. 95) Lectura en alta voz. Lectura rapida y correcta (pg. 100).
- OBRIEN, (John Anthony) — *Reading — Its Psychology and Pedagogy* — The Century Company.
- PENNELL, (Mary E.) and ALICE M. CUSACK — *How to Teach Reading* — Houghton Mifflin Company.
- TERMANN, (Lewis M.) and MARGARET LIMA — *Children's Reading* — D. Appleton and Company — New York — (1.ª parte).

## LITERATURA E BIBLIOTECAS

- ALPERA, (Felix Marti) — *Metodologia del Lenguaje* — (capítulo de Gramática e Literatura).
- Associação Brasileira de Educação — *Biblioteca para Crianças e Adolescentes* — organizada pela seção de Cooperação da Família — Escola Profissional de Artes Gráficas Álvaro Batista — Rio — (Lista de livros, classificados segundo a idade a que possam servir).

- BRYANT, (S.) — *Comment Raconter des Histoires à nos Enfants*.  
 City of Baltimore — *English, Course of Study for Grades four, five and six* (Literature e The School Library — para 3.º a 5.º ano).  
 City of Baltimore — *Reading, Composition, Literature, Spelling, Handwriting, Course of Study for Kindergarten, and grades one, two and three* (Literatura — para 1.º a 3.º ano).  
 KLAPPER, (Paul) — *Teaching Children to Read* — D. Appleton and Company, New York (Capítulo XIII).  
 LEONARD, (Sterling Andrus) — *Essential Principles of Teaching Reading and Literature in the Intermediate Grades and the High School* — J. B. Lippincott Company.  
 MAC CLINTOCK, (Porter Lander) — *Literature in the Elementary School* — The University of Chicago — Chicago, Illinois.  
 MEIRELES, (Cecília) — *Leituras Infantis*.  
 Departamento de Educação do Distrito Federal — série B: Planos e Inquéritos.  
 Ministério de Educación Inglés — *Guias Didáticas* — I volume *Matérias Literarias* — Revista de Pedagogia, Madrid — pgs. 90 a 95 (Lectura recreativa), 97 (La poesía en los grados superiores) 101 a 107 (Bibliothecas, La instruction por la lectura).  
 National Education Association — *The Elementary School Libraries* — twelfth yearbook.  
 TERMANO, (Lewis M.) and MARGARET LIMA — *Children's Reading* — D. Appleton and Company, New York.  
 TROMMER and REGAN — *Directing Language Power in the Elementary School*.

#### ESCRITA E CALIGRAFIA

- ALPERA, (Felix Marti) — *Como se Enseña el Idioma* — cap. IV.  
 City of Baltimore — *English, Course of Study for Grades four, five and six* (Handwriting — para 3.º a 5.º ano).  
 City of Baltimore — *Reading, Composition, Literature, Spelling, Handwriting — Course of Study for Kindergarten and Grades One, Two, and Three* (Handwriting — para 1.º a 3.º ano).  
 DORESTE, (Frederico) — *Metodologia de la Lectura y de la Escritura*.  
 Instituto de Educação do Distrito Federal — Arquivos — n.º 1 — *O Ensino da Escrita*.  
 Ministério de Educación Inglés — *Guias Didáticas* — trad. de L. Santullano e F. Sáinz — Publicação da Revista de Pedagogia Madrid (La escritura del idioma nacional, pags. 112 a 120).

#### COMPOSIÇÃO

- ALPERA, (Felix Marti) — *Como se Enseña el Idioma* — caps. III e IV.  
 ALPERA, (Felix Marti) — *Metodologia del Lenguaje* — capítulo de redação e ditado.  
 City of Baltimore — *English, Course of Study for Grades four, five and six* (Constructive English, para 3.º a 5.º ano).  
 City of Baltimore — *Reading, Composition, Literature, Spelling, Handwriting — Course of Study for Kindergarten and Grades one, two and three* (Composition para 1.º a 3.º ano).  
 Detroit Public Schools — *Teachers Handbook for Games, and Spelling in Composition*.  
 LEONARD, (Sterling Andrus) — *Essential Principles of Teaching reading and Literature in the Intermediate grades and the high School* — J. B. Lippincott Company — cap. IX.  
 Ministerio de Educación Inglés — *Guias Didáticas*, trad. de Luis Santullo y F. Sáinz — Revista de Pedagogia — Madrid — Pgs. 120 a 130 (El grado superior).  
 NOGUEIRA, (Júlio) — *A Língua Usual e a Composição*.  
 REIS, (Otelo de Sousa) e MARLA DOS REIS CAMPOS — *Modelos de Redação Oficial* — Livraria Alves — Rio.  
 TROMMER and REGAN — *Directing Language Power in the Elementary School* — The Macmillan Company.

#### GRAMÁTICA

- ALPERA, (Felix Marti) — *Como se enseña el Idioma* — caps. I, II e VI.  
 ALPERA, (Felix Marti) — *Metodologia del Lenguaje* — capítulo de gramática e literatura.  
 BARRETO, (Mário) — *Novísimos Estudos da Língua Portuguesa* — especialmente pg. 287.  
 City of Baltimore — *English — Course of Study For Grades four, five and six* (Technical English — para 3.º a 5.º ano).  
 CLAPARÈDE (Ed.) — *L'Education Fonctionnelle* — pg. 209 — Delachaux et Niestlé — Paris.  
 FIGUEIREDO, (Cândido) — *Lições Práticas* — especialmente vol. I, n.º 5 e vol. II, n.º 60.  
 FIGUEIREDO, (Cândido) — *Problemas da Linguagem*.

- Ministerio de Educación Inglés — *Guias Didácticas* — trad. de L. Santullano y F. Sáinz — I volume, materias literarias — Revista de Pedagogía — Madrid (Estudios del idioma, pgs. 107 a 112).
- NOGUEIRA, (Júlio) — *Exame de Português, O* — capítulo IX.
- NOGUEIRA, (Júlio) — *Manual Ortográfico Brasileiro*.
- PEREIRA, (Eduardo Carlos) — *Gramática Expositiva* — Companhia Editora Nacional.
- REIS, (Otelo de Sousa) — *Textos para Corrigir* — Livraria Francisco Alves — Rio.
- REIS, (Otelo de Sousa) — *Verbos* — Livraria Francisco Alves — Rio.

#### JOGOS EDUCATIVOS

- BRUEL, (C.) — *400 Jeux Pour Jeunes Filles Et Enfants* — Étienne Chiron — Paris.
- DECROLY et MONCHAMP — *L'Initiation à l'Activité Intellectuelle et Motrice par les Jeux Educatifs* — Delachaux et Niestlé S. A. — Paris.
- Detroit Public Schools — *Teacher Handbook for Games and Spelling in Composition*.
- WOOD and CASSIDY — *The New Physical Education* — The Macmillan Company, New York.

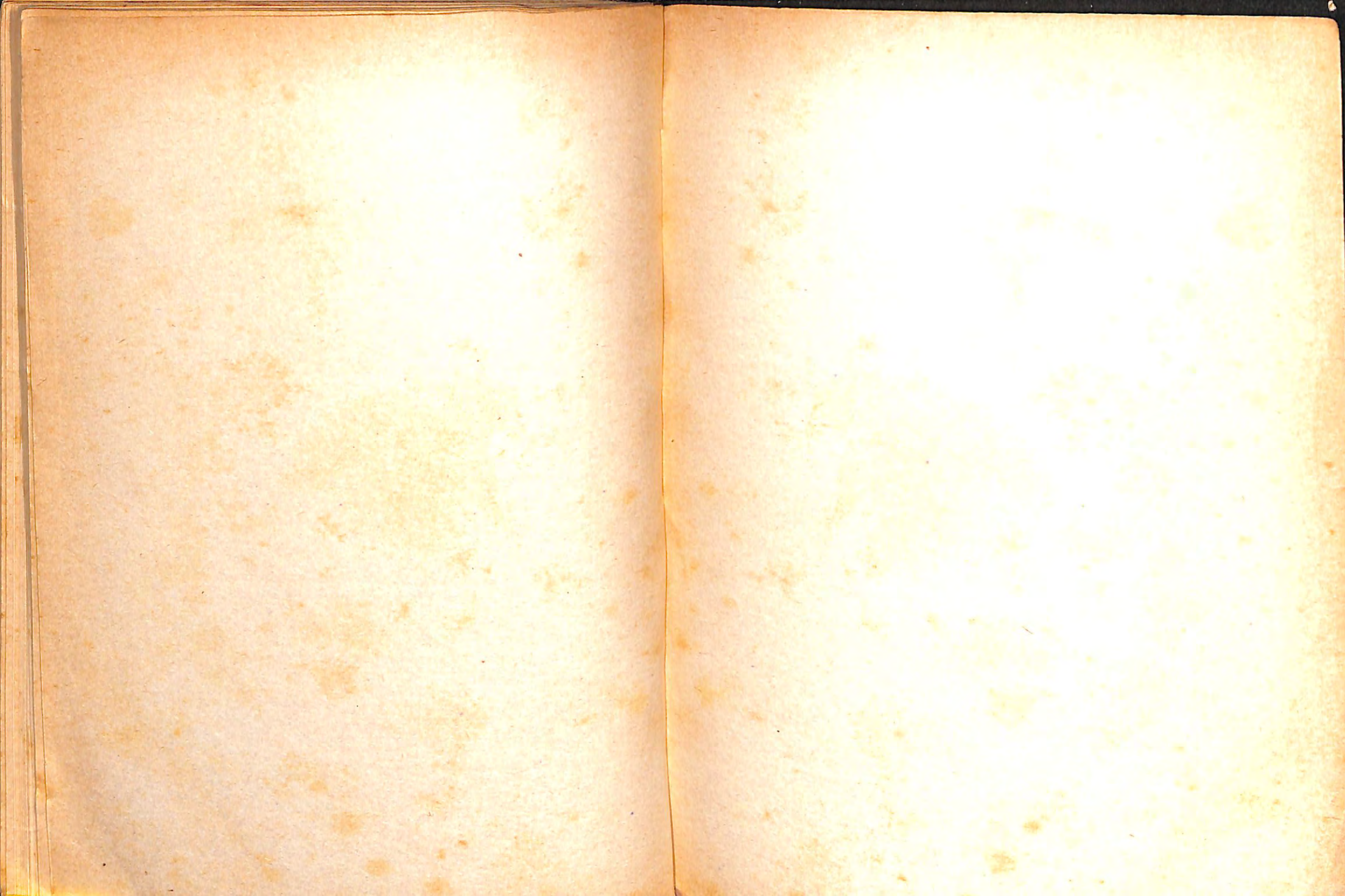
#### TESTES — VERIFICAÇÕES — DIAGNÓSTICO

- ALVES, (Isaiás) *Teste Individual de Inteligência* — Oficinas Gráficas da Luva — Bahia.
- ALVES, (Isaiás) — *Os Testes e a Reorganização Escolar* — A Nova Gráfica — Bahia.
- Diretoria Geral de Instrução Pública do Distrito Federal — *Testes de Inteligência nas Escolas* — Série B — Planos e Inquéritos.
- GATES, (Athur S.) — *The Improvement of Reading* — The Macmillan Company — Diagnóstico de deficiências em leitura e sugestões para o ensino de reajustamento).
- LOURENÇO FILHO — *Testes A. B. C.* — Companhia Melhoramentos de São Paulo.
- MARANHÃO, (Paulo) — *Testes Pedagógicos* — Of. Gráf. do Jornal do Brasil.
- MARANHÃO, (Paulo) — *Escola Experimental* — Of. Gráf. do Jornal do Brasil.

ESTE LIVRO FOI COMPOSTO E IMPRESSO  
 NAS OFICINAS DA EMPRESA GRÁFICA DA  
 "REVISTA DOS TRIBUNAIS" S. A., A RUA  
 CONDE DE SARZEDAS, 38, SÃO PAULO,  
 EM 1962.









M. E. C.

PROGRAMA DE EMERGÊNCIA

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA